

ESTADO DO AMAZONAS

DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

PROGRAMAS
DO

ENSINO PRIMARIO

Adotados pelo Conselho Superior
de Instrução Pública em 28 de Janeiro
de 1932



—MANAÓS—
IMPrensa PÚBLICA
—1932—

AM
98113
489p

DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

PROGRAMAS

DO

ENSINO PRIMARIO

Adotados pelo Conselho Superior
de Instrução Publica em 28 de Janeiro
de 1932



AM
372.98113
A4897

INTRODUÇÃO AOS PROGRAMAS

DO ENSINO PRIMARIO PARA 1932

CAPITULO I

Pontos de vista da escola atual

"Cada época organizará a educação da juventude segundo as suas necessidades".

Gurliitt.

A' evolução social, em cada logar da terra, pela tendência de um aperfeiçoamento maior, na ansia de tornar a vida mais confortavel e feliz, correspondem novos processos de ensino a caracterizar os periodos historicos, em que o progresso e a vitoria da cultura se vão manifestando.

Vale afirmar que exitos sucessivos, na realização de um ideal comum, modificam, esclarecendo e facilitando, as maneiras de agir do espirito creador. As gerações que surgem, influenciadas na trama de principios constantemente renovados, assignalam-se por um gráo de mentalidade mais elevada e impulsiva que as precedentes.

Sociedade alguma pode, hoje, viver isolada.

As relações de commercio, as necessidades industriaes, desenvolvidas pelos transportes commodos, rapidos e baratos, ampliaram o convivio da humanidade, modificaram habitos sedentarios, formularam novas bases para o direito internacional, aumentando a simpatia e a confiança entre todos os povos.

As invenções, os aperfeiçoamentos constantes, a evolução scientifica, assegurando maiores prestigios a todas as artes, teriam de crear, como crearam, um sentido novo, uma grande elevação na mentalidade dessa gente.

Jamais foi tão eloquente o lema positivista: "O homem se agita e a Humanidade o conduz".

Ficaria na rotina e, consequentemente, relegado ao desaparecimento, quem não se integrasse no surto dessa evolução, que tem em si o sentido do enigma da Esfinge: "si não me decifras, devoro-te".

No mundo inteiro, maximé depois da Grande Guerra, renovou-se a maneira de viver, adotou-se uma outra orientação para a atividade mental. E' por isso que Nel-

son de Senna declara: "Ninguém pode pretender ensinar e educar as gerações novas, nascidas e criadas sob outra ambiência de ideias, de costumes e hábitos, pelos mesmos processos de ha vinte anos atrás".

A escola do passado fôï magnífica, oportuna, satisfatória para a época em que floresceu. Hoje, é planta cuja seiva se esgotou, incapaz de frutificar. Está apenas na historia da Pedagogia, dando lugar á escola ativa, na qual a criança, mais em contacto com as realidades da vida, prepara seu animo, disciplina sua vontade, enriquece a intelligencia de conhecimento mais aproveitaveis, robustece seus musculos, torna mais agil e eficiente sua atuação, etc.

A didactica funda-se na Psychologia Experimental, porque a criança é um problema bastante serio e complexo. Não tem grande importancia, senão material, o erro do artista inesperiente que facetou, sem pericia, a pedra preciosa que lhe confiaram. O professor, lapidario de espiritos e corações, é um criminoso se estraga a obra mais delicada que existe: o preparo completo do individuo para ser um valor, de capacidade e de trabalho, no meio a que se destina.

O docente que se deixar arrastar pelos enunciados de um programa, sem dar ás suas lições a amplitude ou as restrições necessarias e proporcionaes ao crescimento fisico ou mental dos seus alunos, está fóra do seu tempo; ficou para traz. O ensino é como a medicina: ocasional e para cada organismo.

Nos programas escolares, encontra-se a orientação didactica de cada disciplina. Mas, não está patente a dosagem de cada lição, tomada á medida do desenvolvimento infantil. Compete isto á intelligencia de quem ensina. Daí, a necessidade dos "tests", para a conveniente divisão e subdivisão de uma classe.

A escola ativa, fundada no metodo Decroly e universalizada hoje nos paizes mais adiantados do Novo e do Velho Mundo, quer que o estudante "aprenda fazendo e vendo fazer", para cujo fim deve observar, refletir e executar. Esse preceito pedagogico gerou os centros de interesses, para despertar o estímulo, o espirito de cooperação e a responsabilidade na feitura da obra coletiva. Com que orgulho e desvanecimento os escolares, mostrando

um seu trabalho concluido, dizem aos demais: "Isto, fomos nós que fizemos".

A escola ativa cria simultaneamente a personalidade do estudante, pela consciencia da sua atuação na classe, e o sentido do coletivismo democratico, nessa especie de republica em que todas as camadas se nivelam, pelo desaparecimento das hierarquias sociaes.

Não se distinguem, nos bancos escolares, nobres e plebeus. Só existe a nobreza que nasce do trabalho, da intelligencia e da conduta.

A escola atual, moldada para o instante que atravessamos, é uma reação á passividade, á letargia de outr'ora, quando o ensino era todo livresco, automatico. O dinamismo do pensamento, cogitando para achar ou para resolver, venceu a estatica do preconceito científico. A expressão magister dixit não mais deve ser tomada com o sentido absoluto, sentencioso, do seculo passado. O estudante, a quem se dá a mais ampla liberdade de indagação, quer, saber o porque das cousas. E o mestre não tolherá esse avanço da sua aprendizagem, embora se invertam os papeis, de quem ensina e de quem é ensinado, na applicação do velho metodo socratico.

A escola de hoje propõe-se preparar crianças que estejam, amanhã, em condições de servir, com proveito, a sociedade de que são elementos em formação.

"Nesta epoca de invenções, de conquistas e de aproveitamento de energias, os ideaes da vida do homem estão fortemente imbuidos de preocupações de se integrar neste complicado mundo, que nos apresenta uma infinidade de problemas praticos a resolver, em quanto damos o primeiro passo. Os ideaes da educação são os ideaes da vida". (José Mallart, "La escuela del trabajo, 1928, pag. 7).

O ensino, antes de tudo, precisa ser utilitario. Reduzam-se as nomenclaturas ao minimo e o conhecimento dos fatos ao maximo. Aprenda-se em contacto com o obieto ou á vista do fenomeno que se deseja conhecer.

Na escola em apreço, observa-se a tendencia profissional de cada estudante, afim de encaminhal-o no rumo do pendor que manifesta, permitindo que se detenha, de preferencia, no genero de atividade escolar de sua predileção. Como os programas de que falamos, os horarios não podem ser tomados ao pé da letra, desde que se faz

mister deixar a criança entregue aos seus afazeres, por maior ou menor tempo, quanto baste à satisfação de sua vontade ou à energia dos seus esforços.

Na escola ativa, nada deve ser "pesado, medido e contado", por quanto, em cada individuo que aprende, ha a considerar os fatores fisio-psicologicos, de que a vontade é manifestação positiva. Quer-se, no aluno, o habito do trabalho, a iniciativa, o interesse pela realização.

Caminha-se para a implantação definitiva do ensino profissional, nessas escolas que se transformam em oficinas, como acontece hoje em quasi todas espalhadas na Alemanha, Austria França, etc.

O ensino primario não deixará de processar-se nesse estalão da conveniencia do mundo contemporaneo. Tem razão Gurlitt quando afirma: "Cada época organizará a educação da juventude segundo suas necessidades. A educação, como todo o fenomeno da vida, está sujeito às leis da evolução" ("La Educacion Natural", trad. de Fastino Ballvé).

Ponderar-se-á que as nossas escolas não se acham aparelhadas para executar um ensino pratico, fundamentalmente objetivo, verdadeiras escolas da vida, nos tipos das modernas casas de ensino italianas de que nos fala Concepcion S. Amor ("Las escuelas nuevas italianas", 1928). Mas, o caso não é tanto de material, que não deixa de possuir sua importancia.

O professor, em nossas escolas, para dar à mentalidade dos alunos a diretriz que o trabalho e a competencia exigem, não carece de grandes gabinetes de geografia, fisica, quimica e historia natural. Não ha museu ou gabinete mais variado que o sólo, a região que nos cerca, com a riqueza inigualavel dos seus espécimens, com a abundancia prodigiosa dos seus fenomenos naturaes. Desperte-se na criança a curiosidade de conhecer o meio natural e social em que vive, com o interesse de aproveitá-lo e servir-o; enriqueça-se sua inteligencia com ensinamentos utilizaveis e que lhe dêem facilidades na compreensão das cousas e dos fatos; desperte-se-lhe o amor das iniciativas e o empenho das realizações, pela constancia da obra em execução; lance-se, na sua dignidade, o zelo dos sentimentos mais elevados, pela Patria, pela sociedade, pela familia e pelo cumprimento exato dos seus deveres; dê-se-lhe, no apêgo ao trabalho proficiente e ho-

nesto, a consciencia do seu prestigio social, a independencia da sua personalidade e, com isto, o horror de viver como um parasita, e ter-se-á dado á escola moderna o sentido verdadeiramente humano, social e patriótico, que deve ter, em face dos novos rumos que o Amazonas está abrindo para o futuro...

Ao professor, por tanto, o dever da escola ativa, com o alto empenho de pol-a em dia com a marcha dos acontecimentos e a evolução do ensino.

CAPITULO II

O sentido metodologico de cada disciplina

LINGUAGEM

Tudo é suscetivel de impressionar o espirito irrequieto, vascilante e curioso de uma criança. Ao entrar, pela primeira vez, em uma escola, nesse ambiente que deve ser o do seu proprio lar, pelos cuidados e carinhos do Professor, a alma infantil experimenta emoções novas, pelo aparato das salas, pela disciplina que não tolhe a liberdade, mas orienta as atitudes, e pela convivencia com estranhos. Ai, as impressões variam de individuo para individuo, conforme o grão de acuidade nervosa de cada um, manifestada quasi sempre por gestos e palavras, como surtos espontaneos de inteligencias que desabrocham.

Ora, a palavra é um fenomeno intelectual, que permite a articulação da linguagem falada ou escrita, veiculo dessas emoções que passam a ser traduzidas e coordenadas em conhecimentos uteis pelo pequeno colegial.

A linguagem deve ser a primeira das disciplinas de um programa de ensino infantil, pois que seu emprego, no aprendizado das outras materias, é quotidiano, imediato. A criança, em contacto com o mundo externo, vê e observa. Desse e dos demais fatos da percepção sensorial, nascem-lhe as cogitações, as imagens despertadas pelas qualidades do que mais impressionou um ou mais dos seus sentidos.

Dizer, com certo desembaraço, o que viu ou o que sentiu, é o escôpo da linguagem empregada por um prin-

cipiente. É o ponto de partida da formação, cada vez mais perfeita, do pensamento.

Tratando-se de uma criança que apenas balbucia um restrito numero de palavras de seus paes, entre as quaes não ha artificialismo de coordenação, porquanto tudo está na espontaneidade do falar, convém que o Professor não perca de vista que o fundo psicologico do conhecimento, nessa fase dilucular da vida, provém da observação direta.

O desenvolvimento da linguagem é uma consequencia do progresso mental do estudante.

Albert Duzart fez notar "que todo movimento organico, dependente da vontade, como a palavra, resulta, em ultima analise, duma impulsão cerebral, do mesmo modo que toda sensação traduz uma impressão psiquica" ("La Philosophie du Langage", pag. 31.).

Orientar os gestos infantis é influir, de alguma forma, na direção da força animica que os engendrou.

Está provado que a linguagem é a expressão de uma atividade mental, tanto mais rica e elevada quanto mais imaginosa for a percepção creadora do estudante.

Não podemos deixar de passar para esta pagina os elevados conceitos que o Dr. Fernando de Azevedo, illustrado Diretor Geral da Instrução Publica do Distrito Federal, escreveu no exordio dos programas do ensino primario a seu cargo. Sirvam tambem esses conceitos, de norma e conselho aos nossos professores. "O ensino da linguagem—disse ele—tem por fim levar a criança a exprimir com clareza e correção o seu pensamento e a compreender facilmente a expressão do pensamento de outrem, isto é, o que ouve e o que lê. O esforço do aluno para adquirir essas duas tecnicas—de exprimir-se e de compreender a expressão—constitue a parte educativa da disciplina. Em provocar e amparar, tal esforço resume o trabalho didatico do professor.

Para atingir os objetivos indicados é necessario que o aluno tenha a pratica da lingua, que se adquire principalmente pelos exercicios de elocução, leitura e redação, mas tambem o conhecimento de sua estrutura, que reforça e firma a pratica e se adquire pelo estudo da gramatica.

Pelos respectivos exercicios de elocução e de leitura, far-se-á o desenvolvimento da linguagem falada e prepa-

rar-se-á o da linguagem escrita, que terá o seu pleno desenvolvimento com os exercicios de redação.

Nos exercicios de elocução, que devem acompanhar os de leitura e os de expressão escrita, os vocabulos, traduzindo as observações feitas, deverão ser perfeitamente adequados ao que exprimem: cousas, fenomenos, qualidades, etc. Evitar-se-á sempre que a palavra venha antes da noção, para não se formar uma linguagem vasia ou impropria.

Uma vez ajustada a linguagem ao pensamento e ao sentir, resta dispor as frases com a correção indispensavel das sentenças, com a concordancia dos elementos, com o mais harmonioso arranjo das diversas partes, tornando-a, alem de clara, elegante e agradável ao ouvido.

Os assuntos serão tirados do meio em que vive a criança

A principio a narração exclusivamente oral do que faz, da vida dos animaes domesticos, descrição da sala de aula, da escola, da casa do trajeto da escola.

Logo que seja possivel, os mesmos assuntos, que se ampliarão, irão sendo tratados por escrito, cada vez com maior independencia por parte do aluno, sobre tudo em composições por perguntas que preparem a frase correta e tambem nos exercicios em colaboração, nos quaes todos os alunos sugerem, corrigem, opinam, cooperando o mestre com a sua presença animadora, atento a dar a ultima palavra quando a classe não se baste.

O professor, articulando e fazendo articular bem e evitando os erros de pronuncia, procurará obter dos alunos dicção clara e correta; a criança será encaminhada a achar a forma de que precisa para expressar-se, e aprenderá as regras sociaes de conversação, principalmente quanto á gesticulação exagerada ou impropria, á intonação, á altura da voz e ao principio de não ser interrompido o interlocutor. Em correlação com esse estudo, os recitativos devem ser utilizados, não só pelas facilidades que proporcionam á elocução, como pela pratica de memorização que representam e o auxilio que trazem ao conhecimento e manejo da lingua em geral".

Ao curso preliminar a linguagem será ensinada, como acima preceitua o Dr. Fernando Azevedo, tomando o professor "motivos" que estejam no ambiente escolar,

na casa, nas ruas por onde a criança transita, nos quadros muraes, em fim, em qualquer oportunidade julgada digna de uma lição. Não devem ser desprezadas as cenas da vida diária, tais como o movimento dos carros, o trabalho dos homens, a iluminação, etc., tudo em que o pensamento discorra, sempre concretizado nos objetos à vista.

Habitue-se a criança ver primeiro, para poder observar; associar suas ideias para deduzir; dispô-las em ordem, para expressar-se, conforme os fundamentos do preconizado metodo Decroly.

No 1.º e 2.º annos do curso elementar, quando a criança já sabe melhor associar ideias, porque vae-se habituando às imagens que elas representam, devem-se desenvolver os motivos do curso preliminar, tirando de cada fato consequências mais amplas. Ai, sempre dando liberdade ao pensamento infantil, começam-se a corrigir as atitudes do falar. Não se admitirão os acentos fraseologicos exagerados. A tonalização das palavras, no seu conjunto ritimico, obedecerá à naturalidade psicologica de quem fala. A gesticulação, necessaria tantas vezes na enfase, far-se-á comedidamente.

A educação da linguagem, neste ponto do programa, implica o ensino da lingua patria, nos mais praticos rudimentos da gramatica.

Contem-se pequenas historias, de fundo moral, nas quaes se impressione a imaginação infantil, dessas muitas que se encontram nos livros de Coelho Netto, Olavo Bilac, Jorge Jobim, Monteiro Lobato, etc.

O aluno presta toda a atenção a cada uma, para repetir-a por suas proprias palavras, perante a classe. Poderá haver um repertorio desses pequenos contos, que todos os estudantes conheçam e recitem de quando em vez. É um processo de coordenação de frases, ao mesmo tempo um meio de memorização de assuntos ensinados pelo professor.

O habito de exprimir-se, com relativa elegancia, compativel com a idade infantil, ha de forçosamente disciplinar a linguagem, extirpando-lhe os vicios, de pronuncia e de sintaxe, tão comuns no lar brasileiro.

A leitura expressiva, observadas as cadencias impostas pela acentuação e pela pontuação, constituirá repetidos exercicios para o 2.º ano.

No 3.º ano e curso medio, exige-se do aluno uma linguagem desembaraçada, correta, sem os chavões do sabe? ou do não sabe?, com que muita gente costuma estribilhar os seus dialogos. Jamais o estudante deve abrir a boca para "dizer", sem que o pensamento lhe esteja perfeitamente formulado na imaginação, afim de evitar as frases entrecortadas ou gaguejadas, o que torna a expressão muito feia.

Como preceito disciplinar da linguagem falada, o professor fará que o aluno, diariamente, exponha as lições, as historietas que leu, os fatos que presenciou. Façam-se poesias, pequenos discursos, assuntos de "films", comentarios sobre fatos da vida social, etc.

As corrigendas devem ser feitas de modo que o professor não fira a suscetibilidade do estudante.

Esses constantes exercicios darão o habito de falar em publico, com voz clara, guardadas as atitudes de discreção e elegancia, que tanto impoem a pessoa que procura bem exprimir-se.

Para a perfeição da linguagem escrita, façam-se numerosos temas de composição, que o professor apreciará, fazendo repetir os que se tornem difusos ou sem a precisa clareza dos pensamentos a coordenar.

LEITURA E ESCRITA

Acredita-se que a criança, ao ser matriculada, já tenha adquirido, em casa, um certo desenvolvimento da linguagem, de acordo com o progresso de sua intelligencia. Conjuntamente com a normalidade dessa evolução, o aluno começa, na escola, o aprendizado da leitura, desde o curso preliminar. Fal-o-á pelo metodo analitico.

A sentencição está preconizada, com grande exito, em todas as escolas em que a didactica facilita o ensino. Ha mais de meio seculo é praticado nos Estados Unidos do Norte, conforme nos diz Hippau, na seguinte passagem do seu livro: "Para o ensino da leitura, o professor não começa por dar o conhecimento das letras, depois das sílabas e, finalmente, das palavras. Mostra o objecto, um animal, uma arvore, uma casa; depois, o vocabulo que serve para designal-o e cuja imagem se liga á do proprio objeto. Passando de um a outro, a criança os reconhece sem esforço. E este ensino, pela visão e pela audição,

continua até que ela saiba distinguir e enunciar, de um modo imperturbável, todas as palavras que se fazem entrar nos quadros de ensino "(L' Instrucion Publique aux Etats Unis", 1872, pag. 52).

Foi igualmente adotado na França e demais paizes da Europa.

Ha mais de vinte anos, fomos testemunhas da applicação, já triunfante, do metodo analitico, em S. Paulo. A rotina quiz embargal-o, mas foi vencida, como acontece, geralmente, com as inovações mal comprehendidas. Esse exito tem apenas dependido da habilidade e do trabalho do professor, pois, é ele quem faz as lições, improvisando pequenas sentenças, perante a classe dos principiantes. Não as encontrará no compendio, com aquella oportunidade necessaria, no ambiente escolar. Com tudo, as cartilhas são excellentes auxiliares, com seus temas e gravuras, que devem ser aproveitados e transcritos, no quadro negro, em caracteres calligrafos ou á imitação das letras de imprensa. E' indispensavel que toda a classe preste bastante atenção e acompanhe a leitura que o professor fizer, a principio de cada palavra, depois da sentença completa. Ter-se-á o cuidado de empregar os mesmos termos, em frases diversas. Sendo possivel, dividam-se em duas turmas os estudantes. Em uma, formarão os mais inteligentes. Com os outros, deverá ser maior a insistencia do mestre e menor o contexto de cada sentença.

Depois de algumas semanas de ensaios na lousa, passar-se-á para a cartilha, sempre alternando com aquella, de modo que a criança aprenda a ler e a escrever, ao mesmo tempo.

Na formação de cada frase, só devem entrar as palavras de uso trivial, como "casa", "mesa", "filho", "escola", "estudar", etc. A' classe mostra-se cada um desses termos, que, combinados com outros, igualmente conhecidos, formem um sentido immediatamente perceptível do entendimento infantil. Ora, o que impressiona a intelligencia, no seu alvorecer, é a fórma, o desenho ou a fisionomia de cada palavra escrita na lousa ou mostrada no livro.

Todavia, se cada uma possui uma feição propria que a distingue das outras, como os inumeros individuos no seio da sociedade, tem elementos comuns que se repetem,

ora nas mesmas, ora nas demais palavras. Este fato não escapa á percepção de uma criança, como detalhes que se reproduzem no mesmo ou em outros desenhos. São as sílabas.

A imagem da palavra escrita traduz a imagem do objeto ou da ideia que consubstancia.

A escrita ideologica dos povos orientaes, que ainda não fazem uso do alfabeto, assenta nesses desenhos ou nessas imagens.

A leitura analitica vem da sentença á palavra, desta á sílaba e, por fim, á letra.

A' primeira vista, porque se tem de romper com a rotina da "soletração", este metodo parecerá difficil. Mas, logo que os pequenos estudantes percebem o artificio da silabação mental, na leitura oral ou silenciosa, desaparece a suposta difficuldade. O aprendizado é muito mais rapido e o sentido da sentença, mais claro e positivo.

O maior pedagogista dos tempos atuais, o Dr. Decroly, emprega para o ensino da leitura, o metodo "visual-ideografico". Pondéra que "a evolução mental parte da synthese para a analyse". "A aquisição da linguagem é uma prova disto—diz ele—e opinamos que o ensino da leitura e da escrita deve seguir a mesma evolução. Para as mentalidades infantis, a frase é mais comprehensivel que a palavra e esta mais que a letra" ("El Método Decroly aplicado a la Escuela", por L. Dalhem, pag. 54.)

O grande pedagogista belga não fez mais que pôr em prova, na sua escola de Uccle (proximo á Bruxelas), a velha norma de Jacotot: "Não ensinamos á criança as letras para formar sílabas e, depois, estas para formar palavras. Ao contrario, fazemos-lhe dizer, ler, repetidas vezes e aprender de memoria uma frase ou uma pagina qualquer, pois que ela mesma a decomporá em palavras, sílabas e letras" (Citado por Sud Mannucci, do III artigo, de uma serie publicada no "Estado de S. Paulo" e intitulada A Escola Paulista, de 13-11-1929).

Não precisamos insistir na preferencia deste metodo de leitura. Basta verificar que ele se baseia na intuição e na psicologia experimental.

No curso preliminar, acabe-se com a carta do A B C. Seja substituida pela cartilha feita especialmente para applicação daquele metodo; usem-se numerosos quadros ou gravuras, que sirvam de motivo aos exercicios no qua-

dro negro e nos cadernos das crianças; façam-se, improvise-se as lições com assuntos oportunos, tendo-se o cuidado de não cansar a atenção dos alunos. Esses exercícios devem ser diários e algumas vezes repetidos.

Em síntese, neste curso, devem ser observados os seguintes princípios já encontrados nos programas das nossas escolas, de 19 de fevereiro de 1925 e adotados nos anos letivos posteriores :

1.º—Escreva-se, diversas vezes, a palavra no quadro negro, com giz de varias cores, interrogue-se a classe fazendo cada menino procurar e assinalar a palavra indicada pelo nome da cor.

2.º—Fazer o menino copiar varias vezes a palavra na ardósia.

3.º—Fazer o menino escrever de memoria a palavra ditada pelo professor.

4.º—O professor desenha ou mostra o objeto a que se refere a palavra e o menino escreve esta de memoria na ardósia.

5.º—O professor apresenta ao menino pequenos cartões onde se encontram escritas diversas palavras e faz procurar a palavra indicada.

6.º—Recordações frequentes de palavras já aprendidas, não usando uma nova sem ter ensinado bem as anteriores.

7.º—Fazer combinações com palavras aprendidas, formando frases curtas e faceis.

8.º—Quando as crianças aprenderem uma oração, deve o professor utilizal-a para formar novas.

9.º—Agrupar palavras por analogia de formas e sons.

10.º—Explicação muito simples sobre o valor do til e dos acentos e sobre os sinais da pontuação, com o fim de facilitar a correção da leitura, acompanhada de exercícios faceis, feitos pelo proprio mestre".

No curso elementar, a leitura deve ser gradualmente mais desenvolvida, contanto que, no 2.º ano, o estudante leia com desembaraço.

No 3.º ano e curso medio, ler-se-á, observando o rigor da pontuação e da entonação que cada palavra precisa ter no seu acento oratorio.

No curso complementar (E. Modelo), a leitura interpretativa. Procure o professor despertar, na sua escola, o gosto pela boa leitura. Lembre aos seus alunos que

ela é o manancial mais valioso dos nossos conhecimentos. E' com o seu uso constante que nós enriquecemos a nossa intelligencia. Diga-lhes ainda, como o professor José Guerreiro Murta que :

"A leitura é fonte de prazer mesmo nas tristezas, porque cria distrações para os pensamentos, entretém o espirito com imagens doces e reconfortaveis" ("Como se aprende a redigir", 2.ª edição, pag. 22).

No ensino da escrita, os professores terão cuidados especiais. Ela tem de ser simultaneamente com a leitura e a linguagem, desde o curso preliminar.

Cada aluno, sentado em seu lugar, munido de lapis e papel, tomando a posição conveniente que lhe será ensinada, vae imitando as palavras, em geral monosilabos e disilabos, que forem sendo escritas no quadro negro. Ao mesmo tempo, o professor volta-se para a classe, afim de assistir o trabalho, tanto mais individual quanto possivel, de todos os estudantes. E' corrigindo num, a maneira de segurar o lapis e colocar o papel; noutro, a posição do corpo, a distancia que deve haver entre a mesa e quem escreve, constituirão preceitos em que a higiene infantil não pode ser dispensada.

Seria mais conveniente que se dividisse a classe em pequenas turmas e cada uma fizesse a sua escrita, para melhor vigilancia do professor.

A escola, para estes exercicios, tambem poderá possuir uma coleção de modelos ou **translados**, nos quais devem aparecer as palavras, silabas e letrás já empregadas nas lições de leitura.

Tais exercicios serão diários e não reterão o aluno por mais de dez minutos. Procure-se dispor as carteiras escolares de modo que o aluno, sentado, receba a luz por todos os lados, mais abundantemente pela esquerda.

Quando a criança acertar com as suas atitudes para escrever, o que acontece geralmente na terceira semana de aula e manifesta-se como um novo habito, pode-se substituir ou alternar o lapis com a caneta.

Com a assistencia de toda a classe, em outras occasiões, um dos estudantes irá á lousa e o professor ditará algumas das palavras do vocabulario infantil, formando sentenças curtas e de sentido bem claro. Os demais alunos irão escrevendo, cada uma de per si, nos seus cadernos, assim estejam concluidas tais sentenças.

Ensaie-se a ambidextria, tão seguida hoje na Alemanha.

Prefira-se a escrita vertical. Não sendo possível, a oblíqua também é boa, sendo, porém, necessário que se conservem a uniformidade no tamanho das letras e o paralelismo nas hastes daquelas que ultrapassam, para baixo ou para cima, a pauta em que se escreve.

Não se percam de vista o hábito do asseio e a questão de higiene.

Lembre-se o professor que, quanto a esta, têm aparecido nas crianças muitos casos de enfermidades ou defeitos orgânicos adquiridos na escola, devidos a inobservância de posição, distancia, tempo excessivo nos exercícios, etc. etc.

"Para se escrever a letra vertical—diz o professor Alípio França—o menino deve estar colocado diante da carteira com o corpo bem direito, o torax não tocando a aresta posterior da carteira, de modo a não oprimir a dilatação pulmonar. A coluna vertebral será assim vertical. O tronco deve ficar apoiado, a prumo, sobre os dois ischions, as pernas cahindo verticalmente, a cabeça bem direita, distante do papel trinta e cinco centímetros.

O hábito de cruzar as pernas escrevendo, diz Dufes- tel, coloca o rachis e o tronco em inclinação viciosa e produz uma convexidade do lado do membro mais elevado ("Noções de Metodologia e de Organização Escolar", pag. 113, edição 2.^a 1920).

Outros preceitos são recomendados pelo ilustre professor, cuja obra deve ser lida pelo menos experientes e sabidos em cousas de ensino.

Quer no curso preliminar, quer no elementar, a forma caligrafica terá que despertar a atenção do mestre, mais que a questão ortografica, que deve ser levada em linha de conta, assim que a criança comece a fazer seus primeiros ditados.

A caligrafia, a ortografia e a redação constituem os objetos de quem aprende a escrever. Aos estudantes, até o 2.^o ano, deve preocupar o primeiro (a caligrafia); aos do 3.^o, esta e a ortografia; aos do curso medio e complementar, os tres objetivos.

Já dissemos que os exercícios de escrita são diários. Mas, tratando-se de alunos que fazem ditados, devem ser tais exercícios alternados com as escritas copiadas.

As corrigendas serão feitas em lapis ou tinta de côr, para que sejam bem observadas. O professor terá o cuidado de repetir os temas em que apareçam muitos erros.

Para os exercícios de redação, tomem-se os motivos da vida diaria, cartas, historietas, descrição de festas, "films", etc., motivos esses que o professor aproveitará simultaneamente, como dissemos a principio, para as lições de linguagem e gramatica.

GRAMATICA (Lingua nacional)

No estudo da lingua e, consequentemente, da linguagem, que é sua expressão viva, está envolvido o da gramatica, fonte de sua disciplina, regimen estatico que não permite a anarquia estrutural, ao mesmo tempo que não tolhe a evolução das melhores formas de exprimir as ideias.

A correção da linguagem considera-se fundamental no ensino primario, sendo certo que ella constitue o instrumento de aquisição das outras materias do programa escolar.

A gramatica deve ser ensinada ás classes principiantes, sem compendio, praticamente, mostrando as palavras e fazendo notar as suas diferenciações, quer foneticas, quer semanticas, afim de que possam os alunos compreender, por numerosos exemplos, a sua distribuição taxionomica. E' lendo, escrevendo ou conversando que o professor terá oportunidade de "ensinar a gramatica pela lingua e não a lingua pela gramatica", conforme a recomendação de Herder.

Não se perca de vista que o metodo mais racional, para obter esse resultado, é o de Decroly, baseado na "observação", na "sucessão" de ideias para chegar finalmente ao conhecimento da cousa estudada.

Numa sentença, já o 2.^o ano do curso elementar, a criança lê as palavras que a compõem; compara-as entre si, para diferencia-las. Começa aí a génese da classificação, pelos fonemas e pelas categorias gramaticais.

Somente depois do 2.^o ano elementar, adotado então um bom compendio que sirva apenas de auxiliar na marcha do ensino, é que se positivarão as regras mais simples da parte lexicologica.

No curso medio, o aluno terá conhecimento pratico, da sintaxe, applicado á sua linguagem falada e ás suas composições.

O estudo mais desenvolvido da lingua far-se-á no curso complementar (Escola Modelo). Ai, cabe a explicação do conceito das regras até então vistas e applicadas praticamente.

Os exercicios de gramatica devem ser diarios, para os alunos do curso elementar, e em dias alternados, para os cursos medio e complementar.

Faça o professor "tests" de linguagem entre os mais atrasados, corrigindo todos os erros que forem surgindo, pela repetição das mesmas frases já escritas.

Os exercicios de analise, tres vezes por semana, são aconselháveis aos estudantes, do 3.º ano em diante.

Na classificação das palavras, o professor organizará esquemas das divisões de cada uma das categorias gramaticais. Assim, por exemplo, tratando de substantivos, traçará, no quadro negro, para que os alunos o copiem em seus cadernos, o quadro dos varios grupos em que esta categoria se desdobra. Esses esquemas ilustram a aula, facilitando a compreensão das varias funções que os substantivos desempenham nas sentenças. Além disso, retêm melhor o que o estudante aprendeu. Valem, na gramatica, como as formulas, na matematica...

O professor terá em mente, no ensino de tão importante materia, que a linguagem sempre precedeu á gramatica. Deve considerar esta, no applicar de suas regras, que éla é, antes de tudo, a arte de disciplinar os nossos pensamentos, ao serem expostos, falados ou escritos.

Mas, ao pequeno estudante, nem se fale nessas regras, nem se lhe diga ao menos que ha um estudo que se chama gramatica. A correção da linguagem é oportunista. Pode ser feita, a principio, educativamente e, depois, instrutivamente. No primeiro caso, de um modo pratico, para formar o habito de "dizer" bem. No segundo, surgem os principios ou regras que justificam o "porque" dos fatos da linguagem, conforme o ponto de vista, geralmente aceito, da definição de João Ribeiro.

Na metodologia da gramatica, convém saber, como o diz Afranio Peixoto, que o maior merito desse estudo não é codificar as boas maneiras de dizer ou escrever. Mas, como pensa Stuart Mill: "A gramatica é a parte mais elementar da logica. "E" o inicio da analise do processo mental". Principios e regras de gramatica são meios que fazem corresponder as formas de linguagem com as formas universais do pensamento. As distincções entre as varias partes do discurso, entre os casos dos substantivos, os modos e tempos dos verbos, as funções dos participios, são distincções de ideas e não apenas de palavras.

Simples nomes e verbos exprimem objetos e acontecimentos muitos dos quais podem ser conhecidos pelo pensamento e cada diferente modo corresponde a uma diferente relação. A estrutura de cada sentença é uma lição de logica". E Afranio Peixoto acrescenta: "Ensinando a bem falar e a bem escrever, a gramatica ensina a bem pensar e quem pensa bem, por força se ha de exprimir corretamente e talvez perfeitamente" ("A Linguagem e a Gramatica", conferencia pedagogica realizada na Biblioteca Nacional, publicada no "Correio da Manhã", do Rio, de 28-12-1919).

Hoje, quem ensina precisa observar e cumprir os preceitos dos grandes didaticos ou dos profissionais que se habituaram a ver a criança e a marcha da sua cultura, pelo lado psicologico, base de toda a pedagogia moderna.

Aos nossos colegas menos experientes, recomendamos o capitulo — Ensino da Gramatica — contido nas excelentes "Noções de Metodologia e de Organização Escolar" do professor Alipio Franca.

E ao encerrarmos estas breves considerações, pensamos na necessidade de, em aula, constantemente, incutirem os professores, no animo dos seus alunos, as vantagens e as belezas da nossa lingua, vinculo comum e indissolúvel de um povo á sua nacionalidade e dos pensamentos que norteiam os seus alevantados destinos.

GEOGRAFIA

Os professores sabem que, no ensino de cada disciplina de um programa primario, não se devem usar dos mesmos metodos. Para determinadas materias, o

metodo synthetico; para outras, o analitico ou a concomitancia de ambos. O apprendizado da geografia exige que se parta do particular para o geral, isto é, que se proceda por synthese. Comece-se a mostrar a criança o local da escola, fazendo-a ver e conhecer sua situação em relação á cidade, vila ou povoado em que se encontra. Mostrem-se-lhe os accidentes naturais que, por ventura, nele, existam, representando-os no taboleiro de areia. Da cidade, passe aos seus suburbios, ás regiões circunvizinhas, tornando mais patente o conhecimento desses accidentes. Amplie-se esse estudo a todo o Municipio, ao Estado, ao Paiz, ao Continente americano e á Terra toda, sempre á vista do mapa. Ensine-se o estudante a orientar-se pelo sol e conhecer a orientação das ruas, praças, rios ou lagos, em cujas margens se ache a escola. Passa-se, depois, ao globo e ás cartas geograficas, para mostrar, na sua composição, os logares ou regiões mais assinaladas, a partir da sede escolar.

As classes principiantes, nada de compendio. O ensino deve ser fundamentalmente objectivo. Convém que o aluno esteja em contacto com a natureza, sentindo as impressões do seu ambiente, afim de que tenha uma idéa perfeita dos varios elementos que constituem a sua fysiografia, as condições do seu clima, os recursos naturais que oferece, a atuação do homem no meio fisico, etc. Tudo isto se pode ensinar intuitivamente, á maneira de "lições de cousas", palestrando, mostrando os objetos e, mesmo, sendo possivel, comentando os factos. Provoquem-se as indagações, porque a geografia é uma ciencia que tomou, seja na sua simplicidade, um caracter especulativo.

As nomenclaturas são indispensaveis, mas reduzam-n'as o mais possivel, afim de que o estudo geografico não se torne enfadonho. De todas as lições, procure-se destacar o lado utilitario, applicavel ás necessidades da vida. Assim, com relação aos climas, fazer notar sua influencia nos nossos habitos e costumes, nas plantas pelo interesse agricola, nos animais, enfim, pela sua distribuição na superficie da terra ou no seio dos mares. Falando de productos naturais, sobre tudo dos regionais, mostre-se a importancia que eles têm nas industrias e no commercio, no movimento economico do Estado, do Municipio ou da propria cidade, vila ou povoação da escola.

Mas, nessas pequenas explanações, não se perca de vista o nivel, ainda limitado, do entendimento infantil. Nada de abstracções, porque toda a conjectura que não for logicamente comprehensivel, como um processo de educação mental, que aumente com o raciocinio, é negativo ao ensino de qualquer materia.

As excursões, nas zonas além da sede escolar, desvendando novos horizontes, despertam grandes interesses e proveito para os alunos, além do prazer de viajar. Já ao tempo de Pestalozzi se preconizava este meio de ensinar geografia. Froebel, outro grande pedagogista, depois de uma visita, acompanhado de seus discipulos, feita a Pestalozzi, declara: "Aproveito estas occasiões (as viagens) para ensinar a meus alunos a observar por si mesmos e a compreender as relações que existem entre as diferentes partes da superficie da Terra. Sobre estas e outras noções adquiridas, ensino a fysiografia e, dela faço meu ponto de partida (Leia-se "O Ensino de Geografia na escola primaria", por Ernesto Lavasseur, pag. 25).

Na didactica da geografia, o professor E. F. Proença chega ás seguintes conclusões, que os nossos colegas do Amazonas terão em vista, quando deante de uma classe que lhes escute os ensinamentos geograficos:

"A primeira conclusão a que o professor deve ter chegado é esta: a geografia é uma ciencia natural e, portanto, só pode ser adquirida por observações directas ou indirectas, pondo-se constantemente em actividade a imaginação, o juizo e o raciocinio.

A segunda conclusão: a geografia é uma ciencia muito amplexa; para que os seus factos sejam perfeitamente apreendidos e explicados, ha necessidade de uma preparação prévia nas materias que lhe servem de base. Uma terceira conclusão: o ensino da materia requer espirito observador e indagador, como em qualquer outra das ciencias naturais ("Como se ensina a Geografia", pag. 15).

Todos os tratadistas do assunto não divergem do metodo synthetico, chamado pelo professor Delgado de Carvalho o "metodo dos circulos concentricos", pelo facto de ir "alargando pouco e pouco o horizonte para passar sempre do conhecido ao desconhecido" ("Metodologia do Ensino Geografico", pag. 47).

Não precisamos mais insistir nesse ponto.

São, portanto, proveitosas as excursões feitas de propósito para ver e observar outros acidentes geográficos, além dos que se avizinham da escola. Nelas, a criança recolhe impressões, que nunca mais esquece. Na impossibilidade dessas excursões, a aula deve ser ilustrada com gravuras, quadros, mapas, "films" e globos tão indispensáveis desde os primeiros instantes. Não se pode compreender um ensino concreto sem esse aparelhamento.

Para os alunos mais adiantados, dos cursos medio e complementar, os exercícios cartográficos sobre as regiões que forem estudando.

Nunca se chegue à definição, sem conhecer a imagem do objeto em apreço, salvo si se tratar de um conhecimento, por intuição mental.

Nos propósitos da escola ativa, na qual nós procuramos generalizar os deveres escritos, isto é, os trabalhos de aplicação em aula, devem ser constantes, no ensino da geografia.

Faça-se ver aos estudantes que tal estudo é de uma alta utilidade para a vida diária, pois, os conhecimentos de geografia são necessários em todas as ocasiões. Até o selvagem precisa deles quando deseja orientar-se nas suas longas viagens pelas florestas, pelos igapós; quando quer saber das condições naturais da zona em que habita, etc. etc., sem cogitar que existe tal ciência.

Do 2.º ano elementar em diante, não se prescreva o compendio, embora as lições devam ser dadas pelo professor. E' indispensável o uso do atlas. Tratando-se de regiões afastadas, ele objetivará o ensino da geografia.

Não se esqueça o professor de exaltar, sem exageros incabíveis, dons naturais do Brasil, as vantagens da sua situação geográfica, o papel que ele vai desempenhando no concerto das nações americanas e as suas possibilidades de grandeza no seio da civilização mundial. Pela geografia nacional, ensine também o patriotismo.

HISTORIA PATRIA

Não podia ser excluída, de um programa de estudos primários, o ensino da Historia do Brasil, pela sua finalidade educativa, quer para a intelligencia, quer para o civismo dos nossos escolares.

A Historia é ciência irmã da Geografia; ensina-se pelo mesmo metodo, embora menos objetiva que esta. Parta o professor dos acontecimentos locais, da sede da escola, da fundação da cidade, vila ou povoação; trate das transformações que, com o tempo e com a ação dos homens, veio a sofrer, mostrando os monumentos ou seus vestígios, se os houver, como outros traços do passado. Fale dos homens mais notáveis que tomaram parte na evolução e nos episódios desses acontecimentos, despertando sempre, na criança, a admiração, o culto cívico, por tudo que fôr digno de altas homenagens.

Proclamem-se, como exemplo a imitar, a abnegação, o heroísmo, o espirito de sacrificio dos nossos maiores. Da sede escolar, passa-se ao Estado e ao Paiz.

Ao 1.º e 2.º anos elementares, dê-se as lições verbalmente, sem livros, illustradas por gravuras, mostrando, no mapa, as localidades onde se passaram os dramas historicos.

As biografias dos nossos grandes homens devem ser narradas, em linguagem muito simples adequada ao entendimento infantil.

Respeite-se a cronologia dos fatos, quanto às épocas mais importantes, para que melhor sejam mais tarde apreciadas as consequências destes.

Façam-se resaltar os motivos dos nossos feriados nacionais e estaduais, focalizando as suas significações. As crianças repetirão, por suas palavras, as narrativas do professor, tendo este o cuidado de verificar a sua exatidão, a maneira de expor (linguagem, sucessão de ideias, gramatica).

Nas primeiras lições de Historia nacional, não se preocupe o mestre com a ligação dos acontecimentos, porque a mentalidade infantil não está apta ainda para concatenal-as, nem para, deles, tirar conclusões. Trate, isoladamente, do descobrimento, dos povos indigenas que então habitavam as nossas terras, dos seus costumes, etc.; fale da independencia, da escravatura, da proclamação da Republica e demais fatos mais importantes dos tres períodos classicos.

Os antecedentes e os consequentes ficarão para quando os alunos, dos cursos medio e complementar, possuirem o discernimento das investigações. "As conclusões a que chegue a classe, conduza-a-ão (os alunos) ao comen-

tário dos fatos estudados, cabendo ao professor utilizar-se dessas oportunidades, não só para exercitar a inteligência dos alunos, mas também para lhes cultivar o sentimento, através das impressões recebidas. Os fatos serão relacionados com o meio pelo traçado dos costumes e idéas da época, fazendo se conhecer como era então a vida dos homens, os recursos de que estes lançaram mão nas emergências em que se encontraram, a utilização que souberam dar aos elementos naturais e as razões que os levaram a vencer ou ser vencidos, nos empreendimentos que procuravam realizar" (Dr. Fernando Azevedo, *Programas de ensino*, 1929).

O professor empenhar-se-á em dar vivacidade aos acontecimentos de que se ocupa. De outro modo não conseguirá a atenção e a curiosidade da classe. Permita que os seus alunos, a propósito dos fatos em apreço, o interroguem, para melhor esclarecimento. Toda a história deve ser interessante. E será um passa-tempo, quando for ilustrada com anedotas oportunas. O dr. L. R. Klemm, que visitou as escolas prussianas, encontrou, no ensino da História, preceitos bem cabíveis nas nossas:

1.º—Que o professor tenha o coração cheio de patriotismo e bata frequentemente pela verdade, pela justiça e pelo dever.

2.º—Que o ensino não seja uma simples narrativa de nomes e de fatos, de batalhas e conquistas de terras, nem dissertações sobre idéas e generalidades abstratas, mas, sobre tudo, uma viva descrição de pessoas e circunstâncias.

3.º—Que o professor relacione o novo conhecimento histórico com os preexistentes.

4.º—Que não é permitido ao estudante permanecer indiferente ao estudo, mas que seja induzido a tomar parte nele.

5.º—Que o professor induza o aluno a comparar ações e pessoas semelhantes e dessemelhantes, para formar juízo de causa e efeito, desde um ponto de vista moral, de tal modo que não desenvolva somente a inteligência, mas ainda o coração e a vontade.

6.º—Que o ensino da História seja dado em conexão com o estudo da linguagem.

A Geografia deve ser uma auxiliar da História ("La Enseñanza de la Historia" por Lavis, Monod, Hinsdale etc., pag. 83).

E' aconselhavel a comparação entre o presente e o passado, para que melhor o estudante compreenda o progresso do Paiz. "Todos os meios que se possam empregar, para chegar a este resultado, são bons, desde que não se caia em exageros pueris" ("La Reforma Escolar em Francia", pag. 66, edição de 1925).

Torna-se a História nacional, além da sua utilidade cívica, um meio de educar a intelligencia infantil, pela sugestão de idéas, que o comentario, mesmo ligeiro, dos fatos vai despertando. A memoria e a vontade lucrarão com essa attitude pedagogica.

Quando os alunos do curso medio em diante, principalmente os de complementar (Escola Modelo) estiverem no caso de relacionar os acontecimentos, para cujo fim o compendio será um grande auxiliar, divide-se o estudo da História do Brasil nos seus tres periodos classicos.

As lições não serão mais discutidas, em forma de episodios isolados, como no começo; mas sempre relacionadas com as precedentes, afim de que o professor possa mostrar que ha, na sucessão dos acontecimentos, uma ordem logica nos fenomenos sociais. No fim de cada uma dessas lições, serão organizados, no quadro negro, esquemas estabelecendo o nexos entre os varios motivos expostos (O ensino da História Patria na Escola Primaria, conferencia do prof. Arthur Mendes de Aguiar, da Baia, "Curso de Férias", 1927, pag. 154).

DESENHO

O estudo do desenho póde ser começado desde o primeiro ano elementar. Seu fim é altamente educativo, porque exercita a vista, a mão, a intelligencia, a imaginação, o gosto e o senso moral. Consequentemente, muito necessario em um programa de preparação infantil.

Em todas as situações da vida humana, aparece preslando-nos um grande auxilio, embora muita gente, disso, não se aperceba.

O ensino de semelhante materia carece obedecer á maxima naturalidade. Estão completamente banidas das escolas as copias de gravuras. A criança começará ob-

servando, com a precisa atenção, o objeto que vai copiar, posto à sua frente, de modo que possa focalizá-lo melhor. O professor ensinará a maneira de colocar o papel e pegar o lápis. Fará com que se interesse pelo acabamento do trabalho, evitando dizer *que está máo*, afim de que, daí, não venha um desânimo. Pelo contrario, enaltecendo os traços em que se mostre latente o pendor ou esforço do pequeno estudante.

Os modelos preferidos, nas primeiras semanas, devem ser os objetos de formas simples, familiares à criança, tais como os sólidos geometricos (polyedros regulares, a partir do cubo, pirâmides, cilindros, etc., caixa de fósforos, folhas, frutos, etc.) Pode haver um só modelo para toda a classe, como assunto de uma aula comum. Veja-se, porém, que a coisa a ser desenhada não fique muito distante dos alunos mais afastados. Seria vantajoso que houvesse um modelo para cada criança.

O habito de ver e perceber a verdadeira forma e posição de um objeto, implica o conhecimento espontaneo de sua perspectiva, fonte de representação grafica da imagem.

Começa-se, portanto, pelo desenho à mão livre. O modelo palpavel é o ponto de partida; depois, o desenho geometrico, igualmente tão necessario, quando o estudante passar ao uso dos instrumentos, para a construção das figuras e resoluções de problemas lineares.

A proporção que a criança fôr se desembaraçando, no emprego do lápis e conseguindo grafar os modelos de uma serie previamente organizada, passe a outros em que os mesmos objetos se agrupem, por formas varias. Seria muito proveitoso que se fizessem copias de folhas, flores, fructas, animais, etc., de que o professor se utiliza nas aulas de Historia Natural (licções de cousas).

Nas aulas dos cursos medio e complementar, os desenhos de memoria, os exercicios de cartografia na construcção de mapas geograficos, em que devem entrar as noções de escala e sua applicação.

Aos alunos que mostrarem maior gosto e intelligencia, da Escola Modelo, ensaiem-se os processos de estilização, servindo-se, para isso, dos muitos motivos de que a natureza amazonense é tão prodiga. Mas, não se perca de vista que o ensino do desenho, nas escolas primarias, não tem por fim formar artistas. Já dissemos que a sua

finalidade, é fundamentalmente educativa e, como tal, sem o escôpo dos requintes emotivos.

As palavras, que o professor Theodoro Braga escreveu, a proposito do ensino desta importante disciplina, constituem um verdadeiro código da sua metodologia, a ser observado pelos nossos colegas. São excelentes recomendações.

"E' o ensino do desenho intelligentemente ministrado, sem livros nem receitas, sem sugestões nem formulas.

Fazer com que a criança se apaixone pelo desenho; ensinar-lhe a ver o objeto; não achar *nunca* ruim o trabalho feito por ela, corrigindo-lhes os defeitos diante do modelo e não todos os defeitos de uma só vez, agindo de modo que ela sinta a verdade dessas correções, para não desacorear-lhe; ter presença de espirito para responder, com justeza e clareza, as abruptas perguntas quasi irrespondiveis que as crianças inteligentes, ávidas de saber, fazem a cada momento; não ter pressa, porem ter confiança pelo resultado que vai obtendo—eis as características da competencia, da dedicação e da honestidade por parte do professor de desenho.

Dentro em pouco, a criança sentirá que sabe ver e a execução dos seus trabalhos, embora aparentemente feios, satisfará a ela e ao seu professor, pelo progresso, e que far-se-á em proporções crescentes. Eis, em síntese o meu programa para o ensino do desenho à mão livre" ("O ensino de desenho nos cursos profissionais", 1925, pag. 22).

Recomendamos que os alunos, desde o 3.º ano, façam os desenhos de memoria. Para o conseguir, é mister que eles vão educando e desenvolvendo o habito da atenção e da fixação das imagens. O professor fará desenhar um objeto que os estudantes viram em outra sala, uma casa, um panorama que contemplaram em uma excursão. Olhar, fixar, apreender, para conservar essas imagens—eis o proposito educativo desses exercicios, que são cabíveis no curso complementar (E. Modelo).

Para melhor educação da vista, comparar-se-ão tamanhos de objetos e distancias, verificando-se, em seguida, as diferenças reais.

Sob o ponto de vista utilitario, no auxilio que o desenho presta ao ensino das outras materias do curso primario, não precisamos insistir, para exaltar sua didactica. Resumamos, com tudo, as ponderações já feitas, passan-

do, para esta pagina, os conceitos traçados, a proposito, pelo professor Arthur Mendes de Aguiar, afim de que os nossos colegas do magisterio, desde o momento em que a criança pega no lapis para grafar o que viu ou o que está na sua imaginação, orientem esse estudo no sentido pedagogico de educar certas faculdades infantis, sem a preocupação de fazer artistas :

"A pratica do desenho supõe o exercicio da vista, que examina com **atenção** o objeto a representar, aprecia-lhe a forma, as dimensões e as proporções; supõe o exercicio da faculdade de **julgar** e de **raciocinar**, pelas comparações continuas que o desenhista deve fazer; o exercicio da **imaginação** cujo papel é conservar fielmente as imagens percebidas pela vista ou as concepções da faculdade creadora; o exercicio do **gosto**, do **senso estetico**, para dar a esse trabalho todas as qualidades pelas leis do Lelo; enfim, do **senso moral** ou sentimento do bem". ("Curso de Férias", pag. 38, Baía, 1927).

ARITMETICA

Com a ideia dos objetos que a criança vê e vai conhecendo, vem-lhe espontaneamente a de **quantidade** e **grandeza**. Daí, logicamente, a ideia de valor, com que a inteligencia infantil distingue a abundancia e os tamanhos das cousas. A comparação é um termo de conhecimento numerico. Sim; um infante, de tres anos, que recebe de sua mãe um pedaço de doce, menor que o dado a seu irmãozinho, nota a diferença e reclama contra essa desigualdade; reclama-o também se lhe deram dois, em quanto ao outro, tres ou mais doces...

A noção dos valores numericos surge, assim, com a primeira idade. A didatica escolar compete sua orientação desde que o pequenino estudante foi entregue aos cuidados de um profissional. Este deve ter em conta a incipiente capacidade de assimilação dessas inteligencias que desabrocham, afim de não lhes provocar abstrações incompatíveis. O ensino do calculo, a um principiante, só pode ser o mais possivel concreto, objetivado no contador ou por meio de pedrinhas, reguas, discos, etc., embora a palavra calculo signifique operações do espirito, cujo fundamento está no raciocinio. Ora, ninguém dirá que uma criança, geralmente de seis anos (inicio da ida-

de escolar), seja insuscetivel de combinar ideias simples, na solução de problemas facilimos. Um meio recomendavel para ensinar esses primeiros surtos da vibração intelectual, consiste nas chamadas **advinhações**, de que tanto as crianças gostam.

Em cogitar, para acertar, vai um esforço que desenvolve e disciplina a percepção infantil. Vê, portanto, o professor que, mesmo devendo ser o ensino todo concreto, nesta fase inicial, não deixa de haver o sentido abstrato inherente ás mais rudimentares operações numericas. Tome-se nota desse fato, visto ter importancia na metodologia da aritmetica. Isto quer dizer que, com o processo da **contagem** propriamente mecanica, em que se agregam e desagregam pequenos objetos, aparece também a oportunidade do **calculo mental**, tão vantajoso no trato quotidiano dos negocios, mas, infelizmente, muito desprezado em nossas escolas.

Não ha processo mais poderoso, para educar o nosso raciocinio, que o treino de calcular mentalmente. Não existe materia de ensino, que mais o exija, que a metemática, desde a solução de problemas do curso infantil, até aos mais elevados remigios do pensamento humano. Lembre-se o docente que tudo, na aprendizagem, depende da maneira porque se começou e depois dos hábitos de agir...

Tratando de um principiante, o professor Alipio França declara que não é preciso saber contar até dez ou mais para inicial-o nos exercicios de calculo. "Com os materiais empregados para concretizar o ensino, o aluno soma, subtrai, multiplica, divide e adquire noções dos inteiros, dos quebrados, etc. Concebe-se a clareza que dá ás ideias o emprego dos meios sensíveis; chega, porem, o momento em que estes materiais não devem ser mais empregados, senão acidentalmente, para convencer os meninos, no caso de duvida ou dificuldades".

Geralmente, as crianças, que se matriculam, pela primeira vez, em uma escola, já sabem contar até 100 e mais. Isso é uma vantagem.

O professor, depois dos indispensaveis exercicios no contador-mecanico ou com caixinhas de cubos, palitos, botões dando a ideia de **unidade**, **dezena** e **centena**, fará notar o artificio oral da formação dos numeros, depois symbolizando-os por meio dos algarismos, chamando

também a atenção da classe para o mesmo artifício, na escrita. São indispensáveis as exemplificações no quadro negro, afim de que o estudante vá logo percebendo o valor de cada casa.

Ao deixar o curso preliminar, deverá saber ler e escrever números até milhares, e fazer pequenos exercícios de soma e subtração.

No 1.º ano elementar, convém que o professor observe a seguinte orientação, adotada nas escolas da Paulicéa (Programa de 1925):

"O docente recordará e ampliará os exercícios de soma e subtração por dezenas, fazendo os discípulos notar que a terminação dos resultados é sempre a mesma, quando os números dados finalizarem nos mesmos algarismos: ($8+7=15$; $18+7=25$; $28+7=35$, etc.)

Continuará o ensino da taboada de multiplicar, com o auxílio de tornos, arranjando-os em grupos iguais, para que descubram os resultados e expliquem oralmente o trabalho feito, aprendam a representar numericamente a respectiva taboada de multiplicar e se exercitem sempre na de dividir, lendo aquela de traz para diante, começando pelo produto. Assim, tratando da casa de 4, teríamos:

	1 grupo de 4=4	1X 4=4	4 tem 1. 4
	2 " " 4 são 8	2X 4=8	8 " 2. 4
	3 " " 4 " 12	3X 4=12	12 " 3. 4
	4 " " 4 " 16	4X 4=16	16 " 4. 4
etc.	etc.	etc.	etc.

Procurará meios que facilitem e amenizem a memorização arida e ingrata das taboadas, que somente estarão bem sabidas, quando conseguirem repeti-las automaticamente, sem pensar nem contar. Entre outros meios, lembraremos os seguintes:

a) exercital-os na soma rápida de parcelas iguais ($6 \times 6 \times 6 \times 6 \dots$) enunciando apenas os totais (6, 12, 18, 24 até 60), fazendo-os observar as terminações desses totais, as quais, nas somas dos números pares, se repetem depois do quinto total; que umas são inversas das outras; que nas somas de uma série de 5, são alternadamente 5 e 0, e, nas de uma série de 9, diminuem gradativamente de uma unidade, etc.

b) dispôr no quadro, em volta de um círculo, as terminações da taboada de 3, escrevendo os algarismos pares com giz de outra cor, e, apontando essas terminações, mostrar que as taboadas do 4 e do 6 formam um pentágono, as do 2 e do 8, uma estrela, as do 7 são as mesmas do 3, lidas em sentido contrario, etc.

c) mandar os proprios alunos construir a conhecida taboa de Pitágoras, e resumirem-n'a em seguida, dispensando as repetições inúteis, após descobrirem intuitivamente por que $3 \times 5 = 5 \times 3$; $4 \times 7 = 7 \times 4$ etc.

d) organizar um quadro, com números bem legíveis à distancia, contendo a parte da taboada de multiplicar que custa mais a reter para que consigam decorá-la, só com o esforço de consultá-la, quando se esquecerem de um produto e que é a seguinte conforme demonstra a pratica: $6 \times 6 = 36$; $7 \times 6 = 42$; $8 \times 6 = 48$; $9 \times 6 = 54$; $7 \times 7 = 49$; $8 \times 7 = 56$; $9 \times 7 = 63$; $8 \times 8 = 64$; $9 \times 8 = 72$; $9 \times 9 = 81$.

Sempre que fôr possível, o professor levará os proprios alunos a descobrirem a razão dos processos praticamente usados. Em vez de passar contas com números abstratos, façamos a classe resolver questões concretas e problemas da vida pratica. A escolha do problema exige um cuidado especial. Precisam ser bem graduados e redigidos com clareza e concisão, devendo o professor explicar-lhe os significativos de termos de emprego frequente, como lucro, salario, mensalidade, grossa, capacidade, perimetro, etc., para que entendam o enunciado, antes de procurarem a solução.

Convém apresentar á classe um problema de cada vez, dando tempo suficiente para que todos o resolvam e corrigindo-o logo no quadro, com a participação dos que o erraram.

Um unico problema bem compreendido e analisado pela classe, será mais proveitoso do que 4 ou 5 feitos ás pressas, sem a menor reflexão e verificados também precipitadamente.

Si um aluno errou, importa que ele mesmo descubra por que, e procure rectificar o raciocinio desenvolvido, não tendo sido o engano de calculo. Só assim a correção lhe será util, pois aprenderá a corrigir-se.

Nada adianta mandar os demais alunos copiar o exercicio feito no quadro negro; é bastante que indiquem,

por um sinal convençãoado, si a solução está ou não exacta. Si diversos alunos erraram, é indispensavel que o docente proponha outro problema identico, afim de certificar-se si aproveitaram as explicações dadas, si aprenderam a raciocinar".

No 2.º ano, o aluno saberá fazer as quatro operações e lerá numeros de muitas classes.

No 3.º ano, curso medio e complementar, organizar-se-ão "tests" de capacidade e aproveitamento, tendo, em vista, em cada uma dessas etapas de estudo, a capacidade mental da classe. E' conveniente que sejam adotadas as repetições dos assuntos, para sua melhor positivação e memorização, em sabatinas, sobre tudo, orais. Em vez de regras, devem ser retidas as formulas, por mais simples e mais logicas.

E' aconselhavel que o tempo do horario destinado á lição de aritmetica seja dividido em duas partes: uma consagrada á explicação da materia nova, outra á sua aplicação.

Desde o começo, o sistema metrico será ensinado, á vista das respectivas medidas, cujo uso a criança deverá assistir. Sobre esta parte do programa, conforme o ano do curso, farse-ão, mentalmente, calculos rapidos sobre motivos triviaes da vida diaria.

Ao ensinar aritmetica, o mestre inculcára no animo infantil, a persuasão da utilidade imediata desta disciplina, dizendo aos seus alunos que ninguém pode viver, senão vegetativamente, sem contar, pois, mesmo os selvagens mais rudes contam até 5, repetindo-o em series, até o restrito valor numerico de que tratam...

A' classe mais esclarecida, fará notar o auxilio que esta ciencia presta ás outras. Diga-lhe mesmo que a aritmetica, pelo seu alcance educativo e grandemente utilitario, na regularização dos nossos negocios, é uma das primeiras, senão a mais importante das materias escolares. Isto influirá na decisão do seu estudo, tanto mais se este fór feito recreativamente, com auxilio de jogos e problemas humoristicos.

Na metodologia da aritmetica, ha a atender, sempre e sempre, o crescimento mental dos alunos, fato que o professor irá percebendo com a realização dos chamados "tests" de inteligencia (Consultem-se as obras de Medeiros e Albuquerque e Izaias Alves).

E tenha constantemente em mira que os melhores programas podem falhar, se, na sua execução, não forem atendidos os principios da didatica que acabamos de proclamar, hauridos na propria logica dos numeros, como na experiencia dos grandes mestres da pedagogia moderna.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS

Um dos alevantados intuitos pedagogicos da escola actual é integrar melhor o homem no seio da natureza de que ele não pode deixar de ser um elemento preponderante. Para agir, tirando proveito do ambiente que o cerca, ou procurando defender-se dele, quando hostil, está a razão de conhecer as cousas e os fenomenos naturais, como a si proprio.

Aliadas á Geografia, á Fisica, á Quimica e á Historia Natural, são, consequentemente, de uma grande utilidade num programa de ensino primario. Devem ser ministradas concretamente, d'après nature, ou á vista de especimens, gravuras nitidas e coloridas, para que a criança veja o objeto de que se trata, podendo perceber-lhe as suas principais características. O ensino será dado em forma de lições de cousas até o 3.º ano, para, nos cursos medio e complementar, adquirir um sentido mais fundamental, mais ainda empirico. Pode-se começar pelo corpo humano, compreendendo suas partes principais, suas funções mais importantes. Tudo praticamente e sem termos tecnicos, que possam embaraçar o entendimento e a linguagem infantil. Reserve-se a nomenclatura mais ampla para depois, bem assim as causas dessas funções. A' vista de um mapa mural ou, melhor, do esqueleto humano, mostre-se o sistema osseo; noutros mapas, o sistema muscular, o da circulação, o da digestão, etc., etc. De modo que a criança passe a ter uma ligeira ideia de si mesma, de como a natureza constituiu o ser humano. Fale-se, depois, dos animais domesticos, das arvores e de suas utilidades.

O mundo vegetal oferece, no Amazonas, um grande numero de motivos, de pôr a criança em contacto com a nossa prodigiosa natureza. Trate-se da estrutura das plantas e mostre-se a sua constituição superficial e interna. As partes de que se compõem, tudo á vista dos respectivos exemplares, para cujo fim a lição deve ser dada

nos jardins ou nas proximidades da escola, onde haja muitos vegetais. Classifiquem-se as raízes, os troncos e folhas. Sirvam de assuntos as suas várias aplicações nas indústrias, na alimentação, na medicina, etc. As crianças acompanharão o desenvolvimento das árvores plantadas no pátio da escola. Lembre-se o professor que, neste Estado, vivemos das indústrias extrativas das florestas. Mostre aos seus alunos seringueiras, castanheiras, cacoeiros e outros espécimens da nossa flora incomparável e fale dos serviços que nos prestam, como a todos os habitantes da Amazonia. Sempre em linguagem ao alcance da compreensão infantil.

A educação e a instrução têm de preparar a criança para a atividade local, para o meio onde ela, mais tarde, terá de agir. Por isso, é conveniente que lhe seja particularizado o ensino da vida regional, para, d'aí seguir, como em círculos concêntricos, às mais afastadas regiões.

O conhecimento dos animais domésticos, dos insetos, dos ofídios, tudo pelos seus nomes vulgares, será assunto de repetidas lições, dizendo aos estudantes quais as suas aplicações mais valiosas... Diga-lhe que o rio Amazonas é o maior viveiro de peixe, do mundo. Destaque-lhes os exemplares mais procurados para a alimentação. Fale da tartaruga e do peixe-boi, bem assim da necessidade de sua defeza, como da de outras espécies aquáticas, em prol do nosso futuro econômico.

Não devem ser esquecidos os animais das selvas amazônicas, distinguindo os considerados perigosos; assim os insetos, as formigas, etc. Não sendo possível levar as crianças a um Museu, façam-se pequenas excursões nos subúrbios da cidade ou nas vizinhanças do local da escola. Aí haverá tanto que mostrar, pois, o ensino das ciências naturais, para se tornar proveitoso, carece ser baseado na observação direta e na experimentação. Bom seria igualmente que os estudantes conhecessem, praticamente, nos indivíduos ou nas gravuras, os diferentes tipos das raças humanas. As escolas precisam possuir, para esse fim, melhor do que as estampas, uma coleção de **mascaras etnográficas**, em que certas características, *verbi gratia*, o prognatismo, se percebem por um simples golpe de vista.

Depois de possuir uma noção ligeira dos seres organizados, passe o docente ao reino mineral, para tratar dos

principais elementos que se acham no solo. Comece pelas pedras que a criança conhece; mostre-lhe as outras espécies de rochas, tais como as argilas, as areias, o giz, o kaolim, etc., etc. Em seguida, as pedras preciosas mais comuns.

Os metais constituirão motivos de palestras em que se destaquem a sua classificação geral e a aplicação industrial dos mais necessários. Como **lições de cousas**, eles oferecem um manancial abundante e útil, no ensino infantil. Não se deixe de acentuar o papel que o ferro, o carvão de pedra e o petróleo têm desempenhado no progresso de todas as indústrias, fornecendo-lhes as **materias primas** com que se fabricam e põem em movimento máquinas para fins tão diversos.

Da mesma forma que se ministram, na escola primária, tantos e tão proveitosos conhecimentos práticos de História Natural, faça-se o mesmo com a Física e a Química, servindo de lições os **fenômenos** que a criança vê quasi diariamente.

Na ausência de gabinetes apropriados, os estudantes, com a indicação do professor, arranjarão suas coleções. Assim: "uma tijela serve de cuba, um copo grande substitue uma capánula, uma garrafa esférica é um excelente balão, que, cheio d'água, serve de microscópio, um vidro facetado ou um pingente de lustre decompõe a luz solar, uma cafeteira de metal polido é um espelho convexo, um pedaço de macarrão ou um de borracha serve de syphão, dois tubos de vidro ligados por um cano de borracha formam vasos comunicantes, duas tampas de latas suspensas por fios das extremidades de uma vareta constituem uma balança; com um tinteiro vazio, faz-se uma lampada de álcool; com taças de cristal, garrafas com água, lâminas e fios realizam-se experiências acústicas; com um copo em que se queime um bocão de algodão ou papel, aplicado como ventosa ou emborcado num prato com água, demonstra-se a existência da pressão atmosférica; uma agulha de coser, que se friccionou com um íman, presa a um fio ou flutuando sobre uma cortiça, funciona como uma bússola, etc. Não ha, pois, razão de ministrar-se um ensino puramente verbal, deramando-se em espíritos passivos um amontoado de fatos e abstrações, para que aprendam de cóp" (Do Programa do ensino primário, da Paulicéa, de 1925).

A Química é fonte interessante de muitos estudos. O aluno deverá, na escola primária, ter uma ideia dos inúmeros recursos que ela presta às indústrias, às ciências e às artes. Diga-lhe o professor que, pela análise química, fazendo decompor todos os corpos, nos seus elementos mais imponderáveis, não ha mais segredos na constituição desses corpos. Fale dos serviços que ela presta á hygiene, pela fiscalização directa e positiva dos nossos alimentos.

Mas, não desça ás minudencias, não leve o estudante as formulas, porque o ensino só pode ser pratico, objectivo. Apenas, no curso complementar (Escola Modêlo), é permitido entrar no dominio da nomenclatura, guardando aquella discrição de quem sabe não estar fazendo, de cada aluno, um cientista, mas um homem esclarecido sobre tantos phenomenos, assim, deles, saiba utilizar-se.

A Física presta-se a um ensino mais recreativo, portanto, mais atraente. A criança é seduzida pelas experiencias, que o mestre terá oportunidade de realizar mesmo, na aula, sem gabinete proprio. Uma coleção de objetos de uso diario, daqueles que se encontram na escola, presta-se a numerosos exercicios. Depende isso da intelligencia do professor. Peça a atenção da classe para os phenomenos da pressão do ar e seus efeitos, da hydrostatica, força centrífuga, equilibrio, mecanica, calor acustica, etc., etc. Tudo isto experimentalmente, sem caracter de curso, sem a indagação do porque desses phenomenos. Do curso medio em diante, o aluno poderá ir disciplinando seus conhecimentos, a começar pelas propriedades dos corpos para, depois, entrar na compreensão de algumas leis gerais, *verbi gratia*, a da atração universal, a do equilibrio dos liquidos, etc.

O ensino, quer de Física, quer de Química, até o curso medio, inclusivé, dado o seu empirismo, não precisará de compendio. O professor improvisará as lições, nos termos dos programas respectivos, podendo utilizar-se, para sua leitura particular, no ensino da Física, do interessante livrinho de L. Danton, intitulado "Physica Recreativa-Experiencias curiosas ao alcance de todos".

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

Conjuntamente com a educação intellectual, em que se desenvolvem e se disciplinam, pelo raciocinio, as faculdades perceptivas e de assimilação, deve-se ministrar o ensino moral e civico, como preparo dos sentimentos na formação do carater e no amor á Patria.

Na educação moral estão todos os deveres, que o aluno tem de cumprir, nas relações com as pessoas de sua familia e com os estranhos, entre os quais o seu professor e colegas. Ensine-se o respeito á verdade, ás conveniencias e ás opiniões alheias; a veneração aos velhos, a piedade pelos infelizes, o auxilio aos fracos, enfim a filantropia, como expressão mas elevada do sentimento humano. A compaixão pelos animais, evitando seus sofrimentos, é um sinal de bondade.

O cumprimento da palavra põe em evidencia o carater de quem, nela, empenhou sua honra. A mentira deve ser abominada. A gentileza é o traço da conduta de uma pessoa bem educada.

A educação moral faz extinguir, em nós, os instintos de animalidade, tornando-nos brandos, doces, atenciosos, magnanimos, caritativos, resignados e sinceros.

Como conseguir, na escola, lançar na alma da criança as sementes de tão grandes predicados ?

O professor será o exemplo vivo da conduta, afim de que possa ser o guião, o plasmador da conduta alheia. As crianças gostam de imitar tudo que vêm e repetir o que ouvem. Evite-se, portanto, praticar qualquer ação menos digna ou proferir palavras sem decoro, diante delas.

Os contos de fundo moral, para despertar a comiserção, o perdão, a coragem, o espirito de sacrificio, a fraternidade e a abnegação, influem, de um modo benefico, na alma infantil. Outros, em que se exprobem a vingança, o odio, a avareza, a vilania, a mentira, etc., complementam as diretrizes na formação do carater da criança. Exaltem-se-lhe as vantagens do trabalho.

O estímulo ás ações de benemerencia cria uma predisposição moral, que se produz em outros fatos dignos.

A ideia de justiça e de liberdade entrarão no espirito de quem se educa, pelo constante exemplo de fatos, cuja sucessão oferece ensejo para vivos doutrinamentos

do professor. A existencia de presidios, que a criança vê ou tem noticia, como de hospitais, manicômios, casas de correção, creches, etc., proporcionará oportunidades às mais variadas e proveitosas lições de moral. Combatam-se as licenciosidades dos costumes, que campeiam na vida mundana, nas praias de banhos, na literatura obscena, nas cintas cinematograficas, etc.

Tantas são as ocasiões, quasi a proposito de tudo, que um docente dispõe para ir formando e solidificando os sentimentos de pudor e dignidade, que constituirão o carater das gerações novas.

Não é possível dizer quando, como e onde, em que idade ou que logar, a educação moral careça intervir em tão alto designio. Basta verificar que a educação deve estar no ambiente da escola, ambiente creado pelo professor. (Vide "A Moral na Escola", por Julio Payol, tradução de Chagas Franco).

Mas, o homem não vive somente para si, para a familia e para a sociedade. Tem diante dele a Patria, entidade mais elevada a exigir-lhe superiores dedicações, em troca de outras que lhe consagra. Não basta que cultive sentimentos de respeito, estima e carinho pelos individuos que o cercam, dentro ou fóra da familia. Seus deveres, de cidadão, extendem-se á nacionalidade de que ele é uma particula necessaria, na segurança e desenvolvimento dos seus destinos.

Para que a criança comece a ver a Patria como um simbolo sagrado, diante do qual seu coração e sua vontade hão de palpitar e fremir, nos augurios da grandeza e felicidade, é mister educar-a no amor a tudo que a ela pertence, desde o territorio com suas velhas e heroicas tradições, até a mais modesta casinha indigena dos seus campos ou florestas.

Como despertar e fazer florescer esse amor, essa entranhada dedicação nos pequeninos estudantes?

Cumprê ao professor chamar a atenção, dos que lhe foram confiados, para a opulência e variedade da natureza do Brasil, natureza que encerra os maiores tesouros, a mais abundante reserva de materias primas, do continente americano.

Faça-lhes notar que somos proprietarios de um dos mais vastos e futuros paizes do globo, contendo todos os

climas e sendo, por isso, capaz de produzir todos os vegetaes, de outras regiões, indispensaveis á vida humana.

Mostre-lhe os lindos panoramas que cobrem as nossas terras, os magestosos rios que a serpeiam, as alterosas serras que se desenhão no seu horizonte, a extensão do nosso litoral, a intelligencia e a bondade do nosso povo. Desça aos faustos da historia nacional e exalte, com justiça, a bravura dos nossos maiores e tudo que eles realizaram, para nos legar uma nacionalidade grande e respeitada.

Tudo isso ha de calar fundo, ha de impressionar o espirito e o coração dos nossos escolares, despertando-lhes esses sentimentos civicos, que accendem a chama sagrada do patriotismo.

A geografia e a historia do Brasil oferecem muitas lições de civismo. Leia o professor, em aula, o excelente livro de Affonso Celso, "Porque me ufano do meu Paiz", certamente, encontrarão, nas suas paginas, motivos de que orgulharmos da terra em que nascemos e da gente que a domina. Cantem-se os nossos hinos patrioticos.

Ensine-se ás crianças dos cursos medio e complementar, os direitos e deveres dos cidadãos brasileiros; os principios da nossa organização politica e administrativa; os direitos da liberdade de pensamento, etc.

Abra-se a nossa Constituição Federal e leiam-se os trechos mais importantes dos capitulos sobre aqueles assumos. Alguma cousa, de proveitoso, ha de ficar no entendimento dos alunos.

Para o cultivo dos sentimentos moraes e civicos, todas as escolas devem organizar, como já o fizeram os nossos Grupos escolares da capital, a Liga da Bondade, associação de crianças destinada sob os auspícios de suas professoras, á pratica da virtude e ao culto da Patria.

O "Diario Oficial", do Estado, de 12 de julho de 1925, publicou os Estatutos desse sodalicio infantil, que tem colimado os melhores exitos, naqueles Grupos. Trata-se de um centro de interesse, muito cabivel nos moldes da escola ativa, no qual se executam todos os postulados que se assimilam. Na Liga da Bondade, os seus associados juram abominar a mentira, os vícios, a deshonestidade, a vingança, a preguiça, etc. Juram ainda praticar os sentimentos de brio, a fraternidade, a gentileza, o per-

*As crianças -
história nacional
tudo, para a
crianças, para a
crianças, para a*

dão, o respeito, a veneração aos velhos, a comiserção pelos animais, etc. A Liga festeja as datas nacionais, exaltando a significação patriótica que contém.

Vê, pois, o professor que, na execução do programa de educação moral e cívica, não faltam ensejos para despertar e orientar, nos seus alunos, as qualidades de homem de bem e de patriota.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Com a velha denominação de **ginástica** estão compreendidos, em nossas escolas, todos os movimentos disciplinadores da evolução do organismo infantil, afim de que este se desenvolva gradual e harmonicamente.

Não estamos mais na época do acrobatismo, na intenção de obter uma raça forte conseguida sem ordem nos exercícios, inobservadas a duração e a intensidade destes.

Hoje o caminho é outro, porque não se desejam mais atletas, que nem todos podem ser, mas homens regularmente desenvolvidos, sadios, energicos e predispostos para a ação.

Procura-se a **força pela saúde**, conforme a finalidade da ginástica sueca, mas não a **saúde pela força**, nos termos da escola helenica.

A ginástica ou melhor a educação física baseia-se em preceitos elevados, que requerem, de quem a ministra, amplos conhecimentos de anatomia e fisiologia, ciências biológicas que não se improvisam, quando se trata de zelar pelo desenvolvimento normal, bem equilibrado, de uma criança.

O professor primario, consciente do seu papel e da responsabilidade que assume ao comandar seus discípulos, deve ser um estudioso dos principios, em que se funda esse desenvolvimento, applicaveis como **ginástica escolar**.

Não precisa ser um cientista, para colimar o exito da educação física. Suas atitudes serão, no entanto, morteadas na observação directa de cada aluno, para perceber as condições do seu organismo e estabelecer quais os exercícios que lhe são uteis, sua duração e intensidade.

E' mistér que conheça bem toda a classe, para dirigi-la em turmas, não pelas idades, cujo coeiciente tantas

vezes é falho, mas pelo grão de resistencia que podem oferecer.

Nos exercícios de conjunto, irá fazendo retirar e repousar, os alunos que mostrarem começo de fadiga. Jamais deixará que a turma chegue a cançar, para que não se anule o efeito salutar da ginastica. Os produtos das combustões que se dão nos musculos, durante os movimentos, precisam ser eliminados pelo afluxo regular do sangue, que tambem se perturba nos exercícios excessivos demasiadamente intensos.

O mestre tenha em vista que o canção produz perdas sensiveis que, nem sempre, se reparam com presteza. Ao contrario de desenvolver, esgota. Cuidado, muito cuidado, logo que se manifestem os primeiros sintomas desse fraquejamento organico.

Os exercícios ginasticos devem ser executados de preferencia, no pateo da escola, ao ar livre, para que as crianças possam respirar bem o ar oxigenado, abrigadas dos raios solares. Devem ser diarios, uma ou duas vezes, nos intervalos das aulas, após as lições que obrigaram, por algum tempo, á imobilidade.

As marchas ritmadas, acompanhadas de canticos, são agradaveis aos estudantes.

Os professores terão em vista as vantagens da ginastica respiratoria, para não deixar de applica-la sempre, no final de cada exercício.

Na execução de cada numero do programa, vejam que tais exercícios não têm por fim somente o desenvolvimento racional do corpo humano, o equilibrio das suas funções organicas, o metabolismo, mas ainda o augmento da agilidade e a correção das atitudes para que não deformem esta ou aquela parte do corpo.

A ginastica escolar possui um proposito educativo, que não pode ser confundido com as outras finalidades que os seus exercícios abrangem. Ela deve perdurar desde que o aluno se matricula, até que se despeça da escola, preferido o sistema sueco, visto ser o mais consentaneo com os principios da fisiologia e dispensar aparelhamentos.

O tempo dos exercícios, atento o rigor de nosso clima, não deve ser maior de vinte minutos, para os estudantes mais robustos, e mais de dez para os mais fracos. O bom senso do mestre regulará o horario respectivo.

Os jogos de caráter pedagógico, bem orientados e nada de exaustivos, constituem meios de educação física, que o professor assistirá, para ir corrigindo e evitando os impetuos prejudiciais. Lembre-se, ao se achar em meio desses folguedos infantis, que a ginástica, tão indispensável do berço ao tumulto, o melhor preventivo contra a inércia ou contra a vida sedentária, é, ao lado da profilaxia e da higiene, o fator mais poderoso da eugenia, do apuramento da nossa raça. Aos alunos mais adiantados (curso médio e complementar), aos que compreenderem os desastres de ordem fisiológica e psicológica dos exercícios violentos, faça notar as inconveniências do "football" e de outros jogos grandemente divulgados entre nós, nesta terra, cujo clima não permite, sem prejuízo da saúde, movimentos tão excessivos e de efeitos tão intensos.

Não faltam "sports" embora alheios ao nosso programa, que condizem com o meio amazonense, entre outros, a natação, com o tempo limitado à resistência de cada indivíduo.

Quanto propriamente à ginástica escolar, rogamos, como orientação didática que seja observado o seguinte plano, autoria do professor Augusto Ribeiro de Campos, Inspetor de Exercícios Físicos de S. Paulo:

"Si ha aula que deve ser cheia de vida, cheia de exercícios e cheia de mobilidade — essa é a aula de Ginástica. A criança deve ir a uma aula de Ginástica como quem vai a uma festa e não a um enterro, a um ato fúnebre. Por isso, deve sempre o professor preparar ou predispor os ânimos para essas aulas, em que se faz a festa do músculo, a festa da saúde.

As lições devem ser completas. Cada aula deve começar sempre por uma sessão preparatória, que é o primeiro momento ou por exercícios preliminares, iniciais, e terminar sempre por uma volta à calma, que é o último momento, com exercícios finais e respiratórios.

Os característicos da lição completa são os seguintes: — a lição deve ser contínua, alternada, gradual, atraente e disciplinada.

Contínua—quando só é cortada, interrompida, pela mudança de exercícios ou pela passagem aos exercícios respiratórios, finais.

Alternadas—quando constituída por uma sucessão de exercícios interessando alternadamente, as partes superiores e inferiores do corpo.

Gradual—quanto à intensidade, quando os exercícios são escolhidos de tal modo que a energia necessária para executá-los vá crescendo do começo da sessão preparatória até ao começo do último terço da lição e daí decrescendo até à volta à calma; ou gradual quanto à dificuldade, quando, no decurso da instrução, compreende exercícios cada vez mais difíceis.

Atraente—quando se variam frequentemente os exercícios e se introduzem os jogos durante a lição, para despertar o interesse dos alunos e constituir realmente uma diversão.

Disciplinada—quando dirigida com firmeza e ordem.

A lição completa compõe-se dum conjunto de movimentos—aplicando-se integralmente a todo o corpo. A ordem em que se agrupam os exercícios, ou em que se sucedem numa mesma lição, não é indiferente, si se quer obter um efeito salutar máximo.

Por isso foi que Henrik Ling dividiu primeiro em quatro categorias os exercícios, componentes das lições; e essa classificação permite ao professor regular a intensidade progressiva do esforço muscular, como também a da respiração e da circulação sanguínea. Essa primeira classificação do método repousa numa base exclusivamente fisiológica, a saber:

- 1.º—exercícios preparatórios, iniciais;
- 2.º—exercícios fundamentais, principais;
- 3.º—exercícios derivativos;
- 4.º—exercícios respiratórios, finais.

1.º—Os preparatórios.

Têm por fim cativar a atenção dos alunos; desentorpecer o tronco e os membros, dando-lhes flexibilidade; ativar progressivamente a respiração e a circulação sanguínea, antes de começar os exercícios fundamentais da lição propriamente dita, principalmente, quando estes últimos se tornam energéticos ou difíceis. É uma verdadeira lição reduzida e atenuada pela qual se inicia a aula de ginástica. Compõe-se essencialmente de exercícios de ordem, de correção e de movimentos simples dos membros, da cabeça e do tronco, executados sem auxílio de aparelhos.

Este período inicial da lição tem por fim fazer a preparação pedagógica e fisiológica da classe de Ginástica; descongestionar o cérebro, isto é, fazer a passagem, gradativamente, das aulas de trabalho mental, de trabalho físico, para as aulas e exercícios físicos. Promove a excitação suave da circulação.

2.º—Fundamentais.

Compõem-se do conjunto de todos os exercícios, cuja utilidade Ling recolheu para atingir ao desenvolvimento completo do corpo. Dividiu esses movimentos em grupos, segundo sua influencia especial sobre o organismo, ou ainda conforme a parte do corpo a que se aplicam particularmente. Em cada um desses grupos, foram seriados metodicamente os exercícios, desde os mais simples e mais fracos, até aos mais complexos e mais energicos. Enfim, foi determinada a ordem em que convinha fazer suceder na lição os exercícios de cada grupo, obedecendo, para isso, aos principios e ás influencias, que já haviam servido para determinar a primeira grande classificação.

Eis a enumeração desses movimentos fundamentais ou principais, na ordem normal, mas não invariavel, em que se sucedem na lição :

- 1.º—exercício das pernas;
- 2.º—exercícios de extensão dorsal;
- 3.º—exercícios de suspensão;
- 4.º—exercícios de equilíbrio;
- 5.º—exercícios dos musculos dorsais;
- 6.º—exercícios dos musculos abdominais;
- 7.º—exercícios dos musculos laterais;
- 8.º—exercícios de salto;
- 9.º—exercícios de respiração.

Esses diferentes grupos não são limitados, nem exclusivos, pois um movimento qualquer precisa sempre, para assegurar sua execução regular e exata, da intervenção de grupos musculares numerosos e variados, cujo papel deverá consistir mesmo, muitas vezes, em fixar, em imobilizar certas partes do corpo, enquanto outras trabalham. A classificação indica, portanto, a influencia dominante, ou o exercício mais eficaz, e, de um modo geral, a ordem em que se sucedem habitualmente.

3.º—Os derivativos.

São destinados, como de repouso relativo ou descongestionantes, a ser intercalados, sendo preciso, entre os

exercícios de dois grupos successivos, afim de acalmar o sistema nervoso e restabelecer a circulação normal do sangue, ou a respiração, modificadas profundamente, por um trabalho precedente.

Assim, por exemplo :

a) — Os exercícios energicos das pernas servem para descongestionar o cérebro; constituem, por isso, um bom movimento derivativo para o aluno, ao começar a lição;

b) — Os movimentos lentos das pernas, ao contrario, combinados sobretudo com inspirações profundas e ritmadas, acalmam e regularizam o curso do sangue;

c) — A combinação dos movimentos dos braços e das pernas, que facilitam a marcha do sangue para a periferia, etc., serve para descongestionar os grandes vasos do centro do organismo.

Os exercicios para as pernas não formam sempre um grupo distincto na lição de Ginastica propriamente dita. Desempenham aí, geralmente, o papel de exercicios preliminares e derivativos. Neste ultimo caso, são utilmente intercalados entre os movimentos dum mesmo grupo, quando os exercicios são muitos energicos.

O professor compreenderá a necessidade da intermissão dos exercicios derivativos de conjunto na lição de Ginastica sueca, quando tiver reconhecido a intensidade e energia de muitos movimentos especiais; sobretudo, si se lhe acrescentar esta outra circumstancia muito importante, que os ginastas se exercitam sempre simultaneamente, mesmo em aparelho, contrariamente ao que permitem outros aparelhos, cuja construção obriga a exercitar cada aluno isoladamente e durante uma fração realmente irrisoria do tempo consagrado á lição.

4.º—Os respiratorios.

Compõem-se essencialmente de elevações, ou afastamento dos braços, acompanhados de profundas inspirações, seguidas de expirações rapidas, completas, durante o abaixamento e aproximação dos braços e, ás vezes com leve flexão da cabeça para traz, com extensão do tronco.

Os exercicios respiratorios, no fim da lição, têm papel analogo ao que têm os exercicios perliminares no começo da lição; mas, sua ação, por natureza calmante, contribue poderosamente para a educação dos musculos inspiradores e para desenvolvimento da capacidade respiratoria ou vital. Cabe aqui acrescentar, de passagem, que,

para atingir a esse fim capital, a respiração deverá ser conduzida judicialmente durante todos os exercícios gínicos. Além disso, enquanto os músculos estão em trabalho, é que urge oxigenar o sangue e livrá-lo pela respiração das perdas resultantes das combustões orgânicas, sob pena de se chegar ao envenenamento do organismo, ao esfalfamento e a incomodos cardíacos—isto é, à negação da Cultura Física”. (Extraído da “A Educação”, vol. VII, n.º 3, de julho de 1929).

Concluindo este capítulo sobre educação física, depois de indicar o plano em que se desdobram as respectivas lições, no curso elementar, vejamos alguns conceitos mais, que positivarão o que atrás dissemos, aplicáveis aos cursos médio e complementar.

O professor deve ser auxiliado pelo médico escolar, quando tiver de organizar as turmas dos seus alunos, atendendo que a ginástica educativa tem por fim a saúde, a robustez e a graça nos movimentos. Seria até vantajoso que um clínico sempre assistisse os respectivos exercícios, para estabelecer a medida de sua intensidade e duração.

O dr. Fernando Azevedo acrescenta outros preceitos:

“De acôrdo com o desenvolvimento intelectual da turma, o professor falará sobre a fisiologia do exercício muscular e a teoria da fadiga.

O ensino dos exercícios físicos deverá o professor ter a máxima atenção quanto ao sexo, à idade, à progressão, coordenação dos movimentos, qualquer que seja sua natureza. Assim, as marchas e corridas devem preceder as de velocidade; estas, as de resistência; os exercícios simples, os combinados, e os fundamentais, aos de aplicação. Os jogos devem ser iniciados pelos recreativos, seguindo-se progressivamente, os de preparação desportiva, os esportivos e de preparação atlética. Os exercícios do sexo feminino deverão diferir dos do sexo masculino; quanto à intensidade, à aplicação e à estética.

Depois de praticados separadamente, repetindo-se cada um 4 a 6 vezes, serão os exercícios grupados em pequenas séries de 3 ou 4 que acionem uma mesma parte do corpo e tenham igual intensidade, devendo-se após a sua execução, praticar 2 a 4 respirações profundas, seguidas de um pequeno descanso, afim de dar folga ao coração.

A aula de ginástica será dividida em 3 tempos: 1.º marchas e evoluções; 2.º—exercícios propriamente ditos; 3.º—jogos. Excetuam-se a aula de ginástica rítmica, após a qual só jogos poderão ser praticados.

Em cada aula deve o professor fazer com que os alunos executem movimentos que interessem o organismo integralmente, obedecendo à seguinte ordem: seguimento dos membros superiores e inferiores; dorsais superiores, inferiores, laterais; abdominais.

Os exercícios serão ensinados por imitação, executados pelo professor isoladamente, após as necessárias explicações e, depois, juntamente com os alunos, pelo menos, nas suas primeiras execuções. Antes da execução do movimento, dirá o professor o nome técnico do exercício afim de que os alunos o aprendam sem grande dispêndio de atenção. Para corrigir a atitude viciosa do aluno, deve o professor executar a atitude ou movimento para mostrar a diferença que ha entre uma e outra, sem ser necessario tocar no aluno. Deverão ser evitadas as atitudes estáticas para a execução de séries dos exercícios. Exemplos: atitudes desviadas dos membros inferiores em flexão; atitudes dos membros superiores-torax, ombros e nuca, salvo em caso de movimentos do tronco e cabeça em que se poderá manter a atitude durante a repetição dos movimentos. A não ser em casos especiais, as atitudes devem ser movimentadas (voltar a posição de sentido em tempo 2), sejam os exercícios combinados entre si, ou com movimentos de outros membros, tronco ou cabeça, considerando-se sempre que os movimentos lentos e moderados, ao se retomar a posição de sentido, no tempo dois ou quatro, produzem o estímulo fisiológico, sem excitar, portanto, o metabolismo nem provocar estafa, muito especialmente quando se tratar do sexo feminino ou de alunos de tenra idade, sem exercício, etc.

Nos exercícios e jogos, todo excesso deve ser evitado. Assim os jogos e partidas devem ter o caráter mais de emulação que de competição.

Na pratica do lançamento de disco, dardo e peso, para os alunos do sexo masculino; cabo de guerra, corridas, salto e pratica dos exercícios em aparelhos sucos, a preocupação do professor deve ser, tanto quanto possível, exercitar os alunos de acôrdo com a idade, sexo, e

tendo sempre em vista o que eles possam dar e não o que deveriam.

A prática das atitudes imitativas, com alusão aos ofícios do curso profissional, deve ser considerada meio eficaz de evitar o desequilíbrio de esforços, e, por conseguinte, a estafa, as doenças e defeitos do ofício. Será este, portanto, o ponto de toque na prática dos exercícios físicos nas escolas profissionais femininas e masculinas.

A educação física para ser integral deve visar o seguinte: a) — Dar mobilidade e ampliação à caixa torácica, afim de aumentar a capacidade respiratória; b) — Fortificar especialmente os músculos abdominais, lombares, inspiradores e expiradores; c) — Desenvolver normalmente todo o sistema neuro-muscular; d) — Corrigir os defeitos de atitudes e hábitos; e) — Aperfeiçoar os sentimentos de sociabilidade e solidariedade e a iniciativa; finalmente, aperfeiçoar a graça e beleza física e moral. (Dos Programas dos cursos complementares anexos à Escola Normal e aos Institutos e Escolas Profissionais do Distrito Federal, 1929).

EDUCAÇÃO HIGIENICA

A saúde, sendo condição indispensável para o trabalho e para a felicidade humana, exige uma defesa que ninguém deve desconhecer. Nela, reside toda a alegria de viver. Sem ela, o progresso deixaria de existir, visto como o indivíduo enfermo é unidade morta, desvalorizada, na marcha da Civilização.

Pode-se garantir a saúde, mediante preceitos de profilaxia e higiene. São esses que a escola, a título de conselhos, em palestras oportunas, dará à criança, chamando-lhe a atenção para os hábitos de asseio e os meios de evitar a contaminação.

O professor exigirá dos seus alunos que andem sempre limpos, mãos bem lavadas, unhas aparadas. Não é máo que se institua a revista de asseio, como revivescência das nossas velhas escolas de outrora. No edifício escolar, faz-se mister um lavatório, com água abundante, no qual, a criança ao comparecer, lave as mãos, enxugando-as em toalhas de uso próprio. Proclamem-se constantemente as vantagens salutaras dos banhos, ao menos uma vez por dia, a limpeza dos dentes, ouvidos, olhos, nariz, etc. Em fim, façam-se notar os demais cuidados

sobre saneamento e profilaxia individual, para que as crianças, em suas casas, na rua, em toda a parte, possam praticar a defesa sanitária que lhe ensinarem na escola.

A higiene escolar não prescinde de intervenção do mestre em todos os fatos e atitudes que possam influir na saúde infantil. O que hoje foi um ato, amanhã pode ser um hábito, se não fôr evitada sua repetição. Assim, a má posição de sentar-se, escrever, gesticular, andar, alimentar-se, beber, respirar, etc., quando feitos anormalmente, trarão consequências danosas à saúde.

Os cuidados do mestre estendem-se ao ambiente da escola, na questão do ar e da luz, na disposição do prédio, na altura das bancas em que os estudantes trabalham, no tempo e na intensidade dos exercícios, etc.

As crianças também não devem prescindir de conselhos, quanto à profilaxia de molestias contagiosas e de outras, apenas de caráter endêmico, sobretudo no interior do Estado. Diga-lhes como evitar a morfêa, a tuberculose, o impaludismo, a verminose e algumas outras formas clínicas, que afligem muitos dos nossos compatriotas. Tudo, em linguagem simples, sem termos técnicos. Peça ao médico escolar que realize, perante a classe, pequenas palestras, nesse sentido.

E, como complemento das lições de higiene, combata, com exemplos patentes, mas impessoais, os vícios que degradam o homem, a sociedade, a nação.

Na integridade da saúde dos nossos escolares está, em grande parte, o futuro do Brasil... (Leiam-se "Higiene Escolar", de Leo Burgesstein, trad. hespanhola do Dr. Eugenio Jaumandreu y Luiz Sanchez Sarto, 1929, e "Codigo da Saúde, Preceitos de Higiene", do Dr. R. Chapot-Prevost, 1924).

TRABALHOS MANUAIS

Os trabalhos manuais, tal como devem ser dados hoje, revelam e caracterizam a "escola ativa". Seu fim é essencialmente educativo, porque não visa preparar artista ou artifices, mas predispor a atividade no sentido de fazer e realizar, criando, no estudante, as iniciativas proveitosas. Procuram estabelecer a ligação da ideia ao ato, a atitude entre o pensamento creador e a ação realizadora.

"Na escola nova é grande a importância dos trabalhos manuais decorrendo mesmo daí a distinção primordial entre ela e a escola que tem dominado até agora, de feição demasiado intelectualista, que descurava quasi inteiramente o trabalho das mãos. Visam criar e desenvolver, nas crianças, o amor a esses trabalhos das mãos os chamados **trabalhos manuais**, que têm, na escola primaria, finalidade educativa, ativando o ensino no sentido economico e favorecendo tambem oportunidade para a educação estética.

Meio de expressão, prestam-se á manifestação concreta das impressões e observações colhidas, fixando e dando forma ao sentir e pensar, pois assim como a palavra reage sobre a ideia, delineando-a, tornando-a mais clara, mais definida, tambem esse outro modo de representação alarga as concepções.

O professor terá ocasião de conhecer seus alunos atravez das manifestações da linguagem, pelo desenho e pelos trabalhos manuais, pois, as personalidades livres das peias, ir-se-ão revelando, na maneira de exprimir os mesmos fatos e objetos.

Por isso terá o mestre todo o cuidado em respeitar as interpretações pessoais, de modo que não sejam abafadas as nascentes individualidades.

O professor guia nas observações e ensina a tecnica do trabalho, mas com cautela de não subjugar a iniciativa do aluno.

A modelagem, as construções no taboleiro de areia, a cartonagem, o recorte livre, os trabalhos em madeira e metal (fio e folha) são os que mais se prestam á expressão.

E' pelo trabalho em geral que o ensino adquire a maleabilidade necessaria a resolver os casos individuais, pois, no **aprender fazendo** o metodo se confunde com o proprio trabalho, revelando o processo adequado a cada individuo, cujas faculdades, em cada etapa de sua vida, encontram meios de desenvolvimento. Por isso, o trabalho manual — um dos aspectos do trabalho — é educativo pela reacção que provoca no cerebro, devendo em consequencia ser variado: recortes, modelagem, tecidos, costura, jardinagem, costuras, **sloyd** e outros, para que resulte desenvolvimento de toda a região motora do cerebro.

O trabalho realiza a educação fisica, moral e intelectual. A habilidade manual se desenvolve pela coordenação dos movimentos e pela educação muscular. Os musculos se fortalecem, dando força fisica. Educam-se os sentidos em geral e desenvolvem-se a atenção, o raciocinio, a memoria, a imaginação e a inteligencia pratica, que dá a visão rapida das cousas e favorece as decisões prontas.

Os alunos encontram, eles proprios, nos trabalhos, nos trabalhos que vão executando e nas experiencias de laboratorio, as leis que regem os fenomenos, realizando o metodo do **redescobrimto**.

Os trabalhos manuais são, alem disso, meios excelentes de formação moral" (Dr. Fernando Azevedo).

A atividade variada, na escola, torna-se recreativa, pois, cada estudante pode ocupar-se da feitura de um objeto, mas todos sob a vigilancia do professor. Não se deve repetir a confecção que não agradou ou despertou interesse. Deixe-se que a criança escolha, por si, o trabalho da sua predileção. Todavia, convém incital-a á conclusão, afim de apreciar o resultado do seu esforço e da sua capacidade inventiva.

Mesmo nas escolas pobres, é sempre possivel conseguir material para essas confecções. Jornais velhos, papéis de cores, restos de madeiras, maravalhas, barbantes, arames, retalhos de fazendas, barro para modelagens, uma porção de palha, um pouco de areia num taboleiro, etc. etc., tudo se presta a esse genero de trabalho infantil. Entregue-se uma tesoura á criança e, duma revista considerada inservivel, permita-se-lhe que recorte as gravuras, que irá grudando em um caderno. E' isto um passatempo, que educa a atenção, os movimentos das mãos e a inteligencia, no cortar e adêrír as "figuras".

Nada mais apropriado a traduzir o pensamento ou ação, quer se tratem de trabalhos para o sexo masculino, quer para o feminino.

As teceduras, em pequenas tiras de papel colorido, agradam muito e, pela sua grande variedade, se prestam a tornar a atividade atraente e pesquisadora, entre os principiantes.

Os trabalhos de agulha, desde o ponto de alinhavo até os bordados em cambráia ou seda, oferecem mil oportuni-

dades de despertar a atuação infantil, no fazendo para aprender a fazer.

A modelagem, em cêra ou barro, na execução de moldes e objetos (cópia ou invenção), constitui um grande auxiliar do ensino, ao revelar o senso do estudante.

E' nas aulas de trabalhos manuais que se despertam os pendoros profissionais. Levanta-se, ali, nessas escolas-oficinas, em que as mãos e a inteligência conjugam os seus esforços, o véo que encobre a verdadeira capacidade do aluno, tantas vezes entregue a labores literarios que não se condizem com as inclinações naturais do seu genio artistico.

Incentivem-se, pois, os trabalhos manuais, seja com o material escolar, seja com o que a criança traga de sua casa. Tudo serve, desde que o fim dessa atividade é educar todas as energias infantis e crear o habito de fazer, pela habilidade de transformar o ato mental em ação concreta, objetivada.

CANTO

Não menospreze o professor os exercicios de canto ensinados por audição. Eles educam a voz e têm uma grande influencia na formação moral e civica dos estudantes.

Não é qualquer canção que se deve dar a uma criança, para repetir. Cumpre consultar primeiro a tessitura de sua voz, afim de que as frases musicais não ultrapassem ao registro fisiologico do seu ainda debil aparelho vocalico. Depois, é preciso que o estudante compreenda o que canta, para que possa dar ao seu esforço o entusiasmo a imprimir na vocalização. O verdadeiro canto escolar é brando, cadencioso. "Conviria muito que uma canção cantada numa sala de aula não se fizesse ouvir distintamente na sala contigua. Deve evitar-se que o andamento seja muito apressado ou muito vagaroso. Qualquer desses extremos é muito nocivo ao efeito do canto e á sua finalidade. Para perservar as vozes dos alunos, deverá o professor mandar cantar ora em côro, ora em grupos isolados, ora a sós.

O professor deverá dispor todos os cantores de maneira a poder vel-os e a ser visto por eles.

Outra advertencia muito conveniente: não deixar suprimir as silabas uteis; mas também não fazer escan-

dir demasiadamente ou, melhor, **espevit**ar todas as silabas gramaticais.

Os professores devem ministrar aos alunos copia **corréta** dos hinos e canções; com isso se evitará que eles decorem versos truncados ou estropiados". (Do "O Cancioneiro Escolar", de Minas, prefacio dos professores Branca de Carvalho Vasconcellos e Arduino Bolivar).

Nas **instruções**, para a execução dos programas de ensino primario, referente ao canto, nas escolas do Estado de Minas, de 1925, ha preceitos que os mestres amazonenses podem adotar:

1.º) O professor, antes de mais nada, deverá escolher dentre os alunos da classe, os que mostrem possuir melhores vozes e destacal-os para constituirem o primeiro grupo coral.

2.º) Nos primeiros dias, tantos quantos julgue necessario, deverá obrigar os demais alunos da classe, a ficarem em semi-circulo e em silencio, até que hajam aprendido bem a letra e a musica dos hinos ou das canções escolhidas para os exercicios.

3.º) Só depois, é que permitirá que estes últimos participem do canto coral.

4.º) Não permita que os alunos, nos primeiros anos, excedam a oitava compreendida entre o **dó** da primeira linha inferior e o **dó** do terceiro espaço da clave-de-sol.

5.º) Deve adotar o diapasão para dar o tom e, si possivel, utilizar-se de um piano, de um harmonium ou mesmo de algum outro instrumento para o solfejo, primeiro, e para o acompanhamento, depois.

6.º) O exercicio de canto deverá ser **diario**, não excedendo, porém, de cinco a oito minutos.

7.º) As musicas adotadas devem ser simples e façeis. A principio servirão as proprias cantigas populares, ordinariamente entoadas pelos alunos em seus brinquedos.

8.º) Só depois que as vozes estiverem mais firmes e claras, iniciará o professor o canto dos hinos e de outras musicas mais fortes e difíceis, observada, porém, cuidadosamente, a capacidade das crianças para tal exercicio.

Deverá preocupar-se também com obter, da parte dos alunos, o canto sem esforço e com boa emissão e vocalização".

Para que os estudantes não se enfadem em executar sempre as mesmas canções, é mister que, em cada mês, sejam introduzidas, no repertório, ao menos, mais duas novas canções, sem, contudo, ficarem abandonadas as antigas.

Particular cuidado deve inspirar ao docente a execução dos nossos hinos, sobretudo, o Nacional e do da Bandeira, para que eles possam ser interpretados com a significação emotiva e patriótica que eles encerram. É descabível o exagero, grotesco e trágico, com que, gritando mais do que cantando, tentam, às vezes, executá-los em nossas escolas.

Convém não perder de vista que os nossos hinos e canções, qualquer que seja sua forma, são pedaços da nossa alma a vibrar pelos impulsos do nosso coração, como pela brasilidade do nosso Povo.

Agnello Bittencourt

Diretor Geral

PROGRAMAS E INDICAÇÕES

PARA O

CURSO ELEMENTAR

(1.º ANO)

CURSO ELEMENTAR — 1.º ano

LINGUAGEM (expressão oral) :

a) Ligeiras palestras com a criança sobre assuntos domesticos, tais como as horas de despertar e de repouso, preferencias de alimentação, pessoas da familia, etc.

b) Trajeto da casa á escola, o que viu pelas ruas, pessoas, conhecidas que encontrou; como foi que se transportou, si em auto, bonde, canôa ou a pé. Si não observou algum fato que lhe fizesse mêdo ou causasse alegria, etc.

c) Nomes dos objetos encontrados na escola; o aspecto do edificio, sua situação, os alunos, os professores, os recreios, etc., etc.

d) Descrição de alguns dos aparelhos escolares, para que a criança se habitue a ver cada objeto com a precisa atenção e possa, depois, com suas palavras, dar uma ideia do que haja observado.

e) Palestras sobre as gravuras que se acham na sala de aula, etc.

f) Palestras sobre os alimentos: a carne, o peixe, as frutas, os legumes, o pão, etc.

g) idem sobre as arvores, os animais, etc.

h) Historietas de fundo moral.

i) Recitativos de maximas, pequenas poesias, etc.

Esses motivos podem variar, conforme a oportunidade, tendo sempre por fim a coordenação e a expressão do pensamento, a concatenação das idéias, habituando a criança a dizer com a clareza e correção compatíveis com a sua idade. Além disso, o professor, nestes exercicios bem variados e de pequena duração, vae fazendo aula de lições de cousas.

LEITURA E ESCRITA

O ensino da leitura e da escrita far-se-á em conjunto com o da linguagem.

No ensino da leitura, o professor preferirá o metodo analítico ou da sentencição.

“De acordo com os principios fundamentais deste metodo, iniciaremos o aprendizado pela **sentença**, em que é mais facil e natural a aquisição de palavras; as **palavras**

aprendidas pelas crianças serão logo a seguir, empregadas em várias sentenças, que já devem ser lidas de modo expressivo, para que se lhes implantem bons hábitos desde as primeiras lições; depois, os vocabulos dominados serão decompostos em seus elementos—primeiro em sílabas, e estas, posteriormente, em letras para que se habilitem a ler, sem embaraços, **palavras novas**, que, por sua vez serão introduzidas em numerosas **sentenças**".

Na aplicação deste metodo, observar-se-á a seguinte processologia :

"I)—**Fase preparatoria.** Palestras com a criança, á vista de objetos ou gravuras, para desembaraçar as timidas, captar-lhes a simpatia e conduzi-las a enunciarem sentenças completas, sem lhes tolher a liberdade no dizer o que pensam e o que sentem.

Esses exercicios orais facilitam a classificação das crianças, que serão distribuidas por tres turmas de dez a quinze cada uma (classe A, B e C), conforme a sua viveza, idade e desenvolvimento intelectual.

Início da leitura. Formadas as classes, chamaremos successivamente cada uma delas ao quadro negro, dispondo as crianças em duas fileiras paralelas, a sufficiente distancia do mesmo, e dirigimo-lhes perguntas sobre cousas ou gravuras que se relacionem com os assuntos das primeiras lições da cartilha a adotar, sem contudo nos prendermos á letra das sentenças do livro. Toda a sentença formulada pela criança será lançada no quadro e lida pausadamente pelo professor, á medida que vae escrevendo. Um aluno repetirá a leitura, lendo-a em voz natural e **como um todo**. Depois de lidas e escritas umas quatro ou cinco sentenças, serão relidas de baixo para cima, salteadas.

E' evidente que essa repetição, quasi de cór, não constitue uma leitura no verdadeiro sentido do termo; mas aqui a sentença serve de veiculo á palavra, e nem poderíamos ensinal-a de outra maneira, pois, si ha muitas que exprimem ideias concretas, algumas ha que só adquirem significação, quando relacionadas com outras na enunciação do pensamento. Faremos a escrita das lições dadas no quadro negro com a caligrafia vertical; é tal a semelhança dessa letra com a de fôrma, que pouca diferença encontrará depois a criança do tipo manuscrito para o impresso.

2)—**Revisão das sentenças.** Após a série de tres ou mais lições, compostas sobre um objeto ou estampa, é indispensavel fazer recapitulações continuas das sentenças. Daremos depois á classe para que faça a leitura mental, incitaremos os retardatarios, e exigiremos sempre uma leitura natural, que demonstre ter o aluno aprendido o sentido do que leu.

Preccituando a pedagogia moderna, que se ensine simultaneamente a leitura e a escrita, dando aos olhos o auxilio valioso da atividade muscular, escreveremos destacadamente no quadro, em seguida á lição, uma das sentenças dominadas pelas crianças, para que a copiem no seu caderno de caligrafia.

Essas copias, garatuja informes, indecifreveis a principio, tornar-se-ão gradativamente mais legiveis, mais perfeitas.

3)—**Análise das sentenças.** E' tempo de fragmentar as sentenças nos seus principais termos ou frases, sublinhando-as. Assim, ensinaremos á criança a frascar, habito muito necessario á correção da leitura. Depois destacaremos as palavras das sentenças, dispondo-as em columnas. Faremos, então, recordações continuas das palavras dominadas pelos alunos, agrupando-as de modo mais variavel, e com elas formaremos sentenças novas, que lerão por um relancear sintético dos olhos.

4)—**Leitura do tipo de fôrma.** Tendo até aqui sido dadas só no quadro negro as lições constantes de quasi um terço da cartilha, é ocasião de preparar a classe para a leitura desse livro. Para isso, é preciso alternar no quadro, de modo que os vocabulos se correspondam, sentenças em letra de impressão e em manuscrito vertical.

5)—**Entrega da cartilha.** Quando as crianças conseguirem lêr facilmente sentenças escritas no quadro com letra de fôrma, podemos entregar-lhes a cartilha. Si forem bem preparados no quadro, deverão lêr sem difficuldade todas as lições formadas com palavras conhecidas que devem ser, mais ou menos, as quinze primeiras.

Desse ponto em diante, toda a lição nova será dada no quadro, para depois ser lida no livro. Essas lições, em duplicata, asseguram o bom exito desse ensino, tornando-o mais variavel e interessante, e evitando a prejudicial decoração.

6.º)—**Reconhecimento das sílabas.** Organizando-se listas de palavras que começam pela mesma sílaba (bola, boneca, botina, cadeira, caderno, cavalo, etc.), chamaremos a atenção da criança para esse elemento do vocabulo, que ela, até então, considerou como um todo.

Leval-a-emos a **analisar oralmente** uma serie de palavras, afim de que aprenda a distinguir as sílabas. Depois, escreveremos, no quadro, vocabulos com as sílabas separadas (sem traço de união), deste modo bo ne ca; me ni na. Assim decompostas, oferecem imediatamente materiais para a formação de outras, exercício de síntese utilissimo, que habilita a criança a lêr novos termos. Numa lingua como a nossa, em que a pronuncia não se divorcia muito da forma grafica, é de incontestavel utilidade o conhecimento sintético da sílaba. Mas, a sílaba isolada, a criança só deve chegar a conhecer pela análise da palavra. Proceder de modo contrario, seria inverter a ordem natural do ensino, que ordena partamos do conhecido, do concreto—a palavra—para o desconhecido, o abstrato—a sílaba.

Com as nossas palavras, constituídas pelas sílabas destacadas dos vocabulos decompostos pela classe, formaremos diversas sentenças, que os alunos deverão lêr expressivamente, explicando a sua significação.

7.º)—**Aprendizagem das letras.** Conseguiremos por meio dos exercícios de rimas e das listas de palavras que comecem pela mesma letra. A inicial deve figurar destacadamente e importa ensinar-lhe o respectivo nome. Assim, antes de chegar ás ultimas paginas da cartilha, já conhecem todo o alfabeto.

8.º)—**Leitura de palavras derivadas, de polissílabos, etc.** Neste periodo, é conveniente chamar a atenção do aluno para certas dificuldades fonéticas do português (os diversos valores do x, c e r); a pronuncia dos grupos consoantes (ph, lh, el, pr, etc.); exercitá-lo na leitura de polissílabos e de palavras derivadas, formadas com os sufixos mais comuns (ado, eiro, ista, ismo), com os que indicam flexões de genero, numero e grão, etc.

Após a recordação da cartilha, estará a classe apta para iniciar a leitura de um primeiro livro". (Das Indicações para o ensino da leitura analítica, nos programas do curso primario de São Paulo, 1925).

Já dissemos que o ensino da leitura é feito simultaneamente com o da escrita. A caligrafia preferida é a vertical, por oferecer mais naturalidade e ser mais uniforme.

Diante da classe, o professor escreverá, no quadro negro, sentenças e palavras de uso trivial, repetindo-as sempre, para que o seu **desenho** ou grafia fique na retentiva da criança. Após algumas semanas de ensaios, quando esta já percebeu a forma e a ligação das letras, começará a copiar, a lapis, os modelos, em cadernos de pauta dupla, variando os exercícios, logo que o estudante fôr se desembaracando nos primeiros **translados**.

Do quadro negro, onde a classe tambem se exercitará, passará aos modelos em cartão ou de qualquer caderno de caligrafia adotado na escola.

O professor zelará pela boa posição do aluno, quando este se encontrar entregue aos seus exercícios de escrita, colocando-o em attitude higienica em frente á carteira, bem assim o modo de empunhar o lapis. Passará, depois, a escrever a tinta.

As primeiras escritas serão naturalmente feias, borradadas, verdadeiras garatujas incompreensíveis. Mas, o mestre não censurará por isso o estudante. Orientando-o, a escrita dias depois melhorará e começará mostrar a segurança do traçado. Exija, desde logo, o habito do asseio.

As crianças do curso preliminar, ao fim do ano letivo, devem saber assinar bem seus nomes e copiar pequenos translados ou trechos das suas lições da cartilha, observando sempre as seguintes normas:

"a) segurar levemente a caneta com os dedos polegar, indicador e médio, a sufficiente distancia da extremidade da pena, cujas duas pontas devem tocar igualmente o papel;

b) usar canetas leves, de comprimento e grossura de um lapis comum;

c) não calcar a pena sobre o papel, para fazer letra fina;

d) não levantar antes de finalizar a palavra, que deve ser traçada como um todo;

e) traçar o corpo da letra de tamanho tal que preencha o espaço entre as duas linhas, destinado a escrita das maiusculas sem haste;

f) fazer subir o papel á medida que forem escritas linhas sucessivas, para evitar que os braços se desviem da sua posição normal;

g) não tocar a carteira com o punho, apoiando as mãos sobre os dedos anelar e mínimo, ligeiramente arqueados;

h) manter-se em boa posição—tronco aprumado; o peito de frente para a carteira, sem talar-a; ante-braco sobre ela descansado e os pés, á frente do banco, bem assentados.

Quanto á posição do caderno, deverá conservar a margem inferior paralela ao rebordo da carteira, si a inclinação desta permitir que o aluno enxergue o que escreve sem curvar o tronco e abaixar a cabeça; no caso contrario, é preferível que incline o caderno ligeiramente para a esquerda”.

GEOGRAFIA

Palestras com a criança, objetivando os assuntos, quer na séde escolar com os accidentes geograficos á vista, quer no taboleiro de areia.

1.º—Sala da aula; posição dos objetos, noção de direita, esquerda, largura, etc.

2.º—A situação do predio escolar, em relação aos demais na cidade, vila ou povoação. Passeios dentro e ao redor da escola, para observações.

3.º—Ponto em que nasce o sol. Pontos cardeais, indicação com o braço, conhecimento da localidade escolar, para ir determinando suas casas, ruas, travessas, praças, edificios, etc., em se tratando da cidade ou vila; do rio, lago ou paranás, em cuja margem esteja assente, si se tratar de uma povoação.

4.º—Arredores da localidade. Accidentes geograficos que contiverem; represental-os no toboleiro de areia.

5.º—Orientação do predio escolar. Dizer, em relação aos pontos cardeais, para onde faz frente, fundos e lados.

DESENHO

Não póde haver um programa definido, preciso, para o ensino do desenho ao curso preliminar. Entre os objetos de fórmias bem simples, as crianças devem escolher os

que preferirem representar. A principio, apparecerão garatujas informes, borrões inexpressivos. Mas, dias depois, as tentativas começarão a surtir effeito, e isso basta para estimular o estudante. “O que interessa não é logo conseguir um desenho bom, porém, conseguir o desenvolvimento das faculdades da criança”.

As primeiras copias devem ser do natural, como sejam os solidos geometricos de fórmias simples, caixas de fósforos, folhas, frutos, raizes tuberosas, etc. Os desenhos podem ser coloridos e ornamentados por frisos e molduras, de combinações de linhas e pontos, que o professor traçará na lousa. Os alunos escolherão o modelo que entenderem ou farão o arranjo que lhes aprouver.

O ensino do desenho diréto, baseado na observação, exige que o mestre, antes de entregar o modelo (o objecto a ser copiado) ao estudante, obrigue-o á ver bem o que vae copiar, afim de discernir as formas reais das formas apparentes.

As copias serão, neste curso, do tamanho dos proprios modelos. Nada de gravuras.

ARITMETICA

O ensino da Aritmetica será intuitivo e pratico. Não obstante as crianças, que ingressam pela primeira vez em nossas escolas, já saberem contar até 100 e mais, é necessario que o professor as faça positivar melhor o **processo** da contagem á vista de objectos apropriados, tais como bolinhas, cubos, botões, lapis, etc., si não tiver á mão um “contador meccanico”, para com elles ir formando, pela reunião de 1 a 1 a primeira dezena, depois a segunda, a terceira, etc., até completar a centena.

Convém lembrar, afim de não perder tempo, que os pequeninos estudantes percebam, geralmente, com a maxima facilidade, o artificio da formação dos numeros, de modo que passem, intuitivamente de uma dezena á outra, até completar uma, duas e mais **centenas**, e daí logo aos milhares, etc.

Desde que todos os alunos estejam inevitavelmente aptos na contagem, pelo menos, até á primeira centena, irão, com aqueles objectos, tendo a ideia das quatro operações fundamentais, pelo agrupamento e desagrupamen-

to de unidades, a principio dentro de uma dezena, mais tarde de duas, tres, quatro, até a centena.

Nas primeiras semanas, o professor não deixará este modo concreto de ensinar. Mas, ao mesmo tempo, formulará calculos, principalmente sobre soma e diminuir (como $7-3$; $7-3$, etc), para os estudantes acharem a solução. E, quando não a acertarem, mostrará, no contador ou nos objetos, o resultado verdadeiro. O melhor exito do ensino está na maneira mais inteligente de despertar a intuição infantil.

"As verdadeiras ideias de numeros pertencem aos fatos, cuja concepção devemos principalmente ao sentido da vista. O bom exito do ensino elementar, neste assumto, depende da exhibição real dos objetos". Com as combinações destes, manuseando-os, as crianças, além da soma e da subtração, efetuarão nos limites das dezenas, as outras operações. Será isto um ponto de partida.

Da contagem e do calculo, com os objetos á vista, o professor, no momento oportuno, passará ao quadro negro e, por meio de risquinhos, irá escrevendo, adiante, os algarismos que lhes corresponderem.

Ensinará, assim, os numeros digitos e explicará o uso do 0, e dos sinais das quatro operações.

E' tempo de, ainda no quadro, repetir, agora, com esses algarismos, os calculos que fizera, na mesa, com os objetos ou no contador. Nos primeiros dias de exercicios, não saia da primeira dezena; depois ás outras, pois que, no ensino da aritmetica, mais do que das outras ciencias, a logica acompanha, de perto, a marcha das menores operações do espirito. A didática o exige.

No curso preliminar, ensaiar-se-á o calculo mental, por meio de problemas facilimos, jogos e adivinhações. Compreende ainda:

a) Leitura de numeros até unidade de milhares; designação das casas e das classes, até esse limite.

b) Conhecimento da taboada de Parker. Sinais das 4 operações.

c) Somar e diminuir. Ideia de multiplicar e dividir.

d) Ideia de metade, terço, quarto, etc.

e) Conhecer praticamente as medidas metricas e as moedas brasileiras. Alguns problemas sobre trocos.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS

I—A lição será dada por meio de conversações simples e familiares, sobre os animais conhecidos dos alunos. O professor mostrará a diferença entre uns e outros: de tamanho, de movimento, de conformação, etc.

II—Conhecimentos sobre a mão direita, a mão esquerda. Os dedos.

III—Análise sumaria de um vegetal: suas partes, observando o natural e depois em estampas.

IV—Explicar como veio a arvore; seus frutos. Para que serve. Quem mora na arvore. Despertar a atenção das crianças para os passaros: sua variedade, a beleza de muitos deles, seus diferentes cantos.

V—As côres. As côres do arco-iris.

VI—Ligeiras noções sobre os reinos da natureza: sua divisão.

VII—Nomes das pedras preciosas.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA:

"A educação moral e civica tem por objeto formar o carater da criança, inicial-a, pouco a pouco, no sentimento de sua dignidade e de sua responsabilidade. A's crianças admitidas nesta classe, será dado o ensino por meio de conselhos e observações feitas durante os exercicios e os recreios, por meio de pequenas poesias escolhidas, explicadas e aprendidas de cór; de historias contadas pela mestra, que verificará, com perguntas adequadas, si a criança compreendeu bem o fundo moral do conto; e por palestra muito simples e curtas sobre os témas adiante indicados, que serão progressivamente mais desenvolvidos, de acordo com o grão de adiantamento da criança.

Com respeito á educação civica, além de palestras sobre os motivos indicados, promover-se-á a realização de festas escolares, organizadas e dirigidas com o fito de exaltar o civismo da criança".

A Liga da Bondade fundada, entre todos os alunos dos Grupos escolares e escolas isoladas, será um centro de atuação educativa dos sentimentos, de moral e de civis-

mo, infantis. Cultivar-se-ão, além dos preceitos de civilidade :

- a) o amor aos pais, irmãos e demais pessoas da família;
 - b) a bondade para todos, maxime para os pobres e animais; piedade para os infelizes;
 - c) o respeito, a veneração, a caridade, etc.;
 - d) a verdade, o perdão, a coragem, etc.
- Festejar, na escola, as datas nacionais.

EDUCAÇÃO FISICA

Paginas atraz, ficou indicada a orientação que o mestre deve observar no ensino da ginastica, atendendo a idade e a resistencia, sobretudo, sem esquecer o tempo e a intensidade dos respectivos exercicios.

Nesta classe (curso preliminar), os movimentos não deverão ir a mais de dez minutos. Nos dias de calor, bastam cinco, dentro da escola ou no pateo. Ao ar livre, nessa ocasião, seriam insuportaveis e contraproducentes.

Observem-se os preceitos da ginastica sueca, que são mais harmonicos, baseiam-se na anatomia e na fisiologia e podem ser executados sem aparelhos.

- 1.º—Formação de fileiras e posições.
- 2.º—Roda, marchas e quadrados.
- 3.º—Marchas acompanhadas de canto, ao ar livre.
- 4.º—Brinquedos diversos, como a bola, a peteca, a corda, o arco, etc.
- 5.º—Ginastica sueca. Exercicios elementares da cabeça, tronco, braços e pernas.
- 6.º—Corridas, que não excedam de trinta metros.
- 7.º—Exercicios respiratorios simples.

EDUCAÇÃO HIGIENICA

A' criança deve-se ensinar elementares preceitos de profilaxia e higiene, para que se vá habituando a defender-se de tudo que atente contra sua saúde. Mostrar-lhe os perigos da falta do asseio e das contaminações é tão intuitivo, como a propria linguagem, que aprende sem esforço.

A higiene individual é uma questão de habito, que se pode adquirir desde a infancia. Por isso, a escola cumpre zelar tambem por este aspecto do ensino infantil. Entre tantos objetivos conducentes á essa finalidade, a mestra palestrará, diante da classe, sobre:

- 1.º—Limpeza geral do corpo. Asseio minucioso dos olhos, nariz, boca, ouvidos, unhas, etc.
- 2.º—Limpeza do vestuario. Mudança diaria de lenço e das roupas internas.
- 3.º—Lavar as mãos ao penetrar a escola e ter sua toalha propria. Não sentar-se em outro lugar, se não na sua carteira.
- 4.º—Utilizar-se unicamente dos seus objetos escolares. Ter seu copo, para agua.
- 5.º—Não fatigar-se nos exercicios, principalmente nos de ginastica.
- 6.º—Matricular-se numa escola mais proxima á sua residencia, afim de não se fatigar em grande caminhada á outra escola mais afastada.
- 7.º—Não sentar-se ou colocar-se em má posição, quando escrever ou assistir ás preleções.
- 8.º—Não levar a mão á boca; o lapis ou a caneta igualmente.
- 9.º—Evitar humedecer o dedo com a saliva, para dobrar as paginas de um livro.
- 10.º—Não falar, aproximando-se demasiadamente de outra pessoa. Evitar os beijos e limitar, quanto possivel, os apertos de mão.

Como estes, outros tantos, motivos que a mestra, explicará, na preocupação de ir corrigindo os máos habitos que, por ventura, se manifestarem na criança.

TRABALHOS MANUAIS

- 1.º—Piques de alfinete em papel, acompanhando os traços do desenho feito.
- 2.º—Dobrado e recorte de papel de côres. Tecelagem de serpentinas de côres.
- 3.º—Modelagem em barro ou cera, de fórmias simples.
- 4.º—Idem no taboleiro de areia, representando acidentales geograficos.

5.º—Recorte de gravuras.

6.º—Alinhavos em cartão, á vista de modelos apropriados e graduados.

Acresce para o sexo feminino :

7.º—Pontos de agulha, com linha grossa e de côres.

8.º—Pontos de marca, em aniagem ou talagarça.

9.º—Crochet: estudo de malha com agulha de madeira ou osso.

PROGRAMAS E INDICAÇÕES

PARA O

CURSO ELEMENTAR

(2.º ANO)

CURSO ELEMENTAR — 2.º ano

LINGUAGEM (expressão oral) :

Palestras sobre motivos do curso preliminar, em que seja desenvolvido o vocabulário, fazendo que os alunos as repitam por suas próprias palavras, estabelecendo-se, então, por meios de perguntas e respostas, os exercícios de invenção e reflexão sobre objetos e fatos bem conhecidos, tais como :

a) o relógio: sua utilidade, as diferentes partes de que se compõe, isto é, a caixa, o mostrador, os ponteiros e a machina; depois, o modo de verificar as horas, feito de outros relógios, custo, etc. O objeto oferece outros motivos que se vão sugerindo, tornando-o, perante a classe, como **centro de interesse**.

b) os bancos escolares e demais peças do mobiliário; o contador mecânico, o globo geográfico, etc.

c) os prédios vizinhos, as suas diversas partes, como a fachada, a entrada, as portas e janelas, o tecto; comparação de formas; tamanhos, cores, pavimento, etc.

d) os frutos mais conhecidos, sem saber, tamanho, variedade, custo, lugares onde se colhem ou vendem, etc.

e) as pessoas, suas qualidades, si atenciosas, caritativas, prestáveis, delicadas, etc.

f) gravuras, assuntos que representam, suas personagens, casas, campos, florestas e outros motivos que encerrem.

g) repetição de historietas ou contos feitos pelo professor ou aprendidas em casa, etc.

h) recitação de pequenos versos, fabulas, etc.

LEITURA E ESCRITA :

Quando o estudante houver percorrido a cartilha, lendo-a com certo desembaraço, passará para o 1.º livro, cuja leitura fará diariamente, sendo tres vezes por semana para exercícos de linguagem.

Na primeira quinzena de aulas, o professor lerá, perante a classe, em voz alta, dição clara, o capítulo destinado á lição, o qual será acompanhado, em silencio, por todos os alunos, cada um no seu compendio. Em seguida, o mesmo capítulo e, em partes, passará a ser lido por

todos (ou por alguns), observada a cadencia imposta pela pontuação e pela acentuação fraseologica. Depois, lerão, sem esse auxilio previo, repetindo, de quando em vez, as lições anteriores, mas fazendo preceder a leitura em voz alta, a leitura mental.

Ao terminar a leitura de cada trecho, será explicado o sentido das palavras, por ventura, desconhecidas de um ou mais estudantes. Para verificar se todos compreenderam o assunto da leitura, o mestre fará algumas perguntas, no intuito de habitar a criança a assenhorear-se do que tiver lido. E' desvaliosa a leitura realizada **mechanicamente**.

No preparo das suas lições, em aula sobre tudo, a criança fará a **leitura silenciosa**, mais conveniente á reflexão, além de não incomodar a quem se ache nas proximidades.

Nesta parte do curso, ensinar-se-á o uso dos sinais de pontuação e das notações lexicas.

Os exercicios de escrita continuarão diarios, com o fim de aperfeiçoar a caligrafia do estudante.

GEOGRAFIA

(Estudo essencialmente concreto)

1.º—Pontos cardeais e colaterais. Orientação da cidade, vila ou povoado; situação dos bairros daquela, si para o Norte, Sul, Leste ou Oeste.

2.º—Limites da localidade escolar (cidade ou vila), sua extensão.

3.º—Principais accidentes geograficos que se encontrarem na região da escola, tendo-os á vista e representando-os no taboleiro de areia. Ideia de rio, lago e planície, que são os elementos naturais mais comuns, no Amazonas.

4.º—As florestas. Dizer as primeiras riquezas que encerram e sua serventia, mostrando as que nos são uteis, como a borracha, a castanha, etc.

5.º—Os animais, que povoam as matas circunvisinhas da sede escolar. Sua utilidade. Os peixes que se colhem no rio ou no lago proximo, as tartarugas, etc., a fim de que a criança comece a formar uma ideia dos re-

ursos que a natureza nos oferece, quer nas suas aguas, quer nas suas florestas.

6.º—Ideia da extensão das terras, que formam o distrito escolar, o Municipio, o Estado, o Paiz, a Terra, á vista de um globo. Insistir, neste assunto, varias vezes, para que a criança, partindo da escola, vendo a região em que está, siga na esfera, para mais distante, até abranger a toda.

7.º—Os accidentes geograficos mais importantes do Municipio da escola.

8.º—Figurar, no quadro negro ou no papel, os quatro pontos cardeais.

9.º—A Terra; palestra sobre sua fórma e movimento de rotação, sempre com o globo á vista.

HISTORIA PATRIA :

O ensino da Historia patria o professor fará por meio de conversações simples e familiares, evitando sempre tornal-as monotonas e fastidiosas. No primeiro ano a palestra versará sobre :

I—A data presente; dia, semana, mês, ano, seculo.

II—Historia sobre a vida do aluno: nascimento, moradia, saúde, brinquedos, ocupações, naturalidade, contos dos pais e avós.

III—Historia do bairro atual da escola: como era outr'ora, fatos, pessoas, cousas, habitos do povo.

IV—Origem e nome da localidade da sede da escola.

V—Ligeiro historico da fundação da cidade, vila ou povoado. Nomes dos seus fundadores e primeiras familias que ali se estabeleceram.

VI—Inauguração do grupo escolar ou da escola e a biografia de seu patrono (si tiver).

VII—~~Noticia de outros institutos de ensino~~

VIII—O nome do prefeito atual; do presidente do Estado, do presidente da Republica.

IX—Despertar nos alunos o respeito aos monumentos, ás obras de arte, aos edificios, etc.

X—Datas nacionais, fazendo-se ligeira explicação sobre cada uma delas.

(Colecionar cartões, estampas, fotografias de pessoas e cousas historicas).

Palavra e a palavra.

DESENHO :

Desenho natural:—O aluno repetirá o desenho das formas isoladas observadas para o curso preliminar e depois representará as formas em conjunto: agrupará objetos; o menino com a bengala; o cão de guarda; o galinheiro; o menino passeando no jardim, tocando patos, etc.

O aluno corrigirá seus desenhos assistido pelo professor, que fará uma crítica encorajadora.

Estudo das cores fundamentais.

ARITMETICA :

1.º—Exercício de calculos, principalmente de multiplicação e divisão.

2.º—Leitura e escrita de numeros até unidade de milhões. Decomposição destes pelo valor de suas casas e sua imediata recomposição. Algarismos romanos até centenas.

3.º—Multiplicação, contendo um e dois algarismos no multiplicador.

Multiplicação abreviada, quando um ou ambos os fatores terminarem em zero e quando houver zeros intercalados.

4.º—Divisão contendo o divisor um e dois algarismos. Divisão abreviada quando os dois termos terminarem em zeros e quando o divisor contiver zeros intercalados. Provas: real e dos nove.

5.º—Problemas praticos sobre as 4 operações.

6.º—Ideia de fração conhecendo a metade, a terça, a quarta, a quinta parte, etc.

7.º—Conhecimento pratico do metro, do litro e do quilogramo. Moeda brasileira. Problemas praticos sobre troco.

8.º—Exercícios de calculo mental sobretudo recreativos, com o fim de desenvolver o raciocinio infantil.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS :

I—Os sentidos. A boca, os dentes.

II—Noções ligeiras sobre o corpo humano; sua divisão, observando-se em estampas ou mapas.

III—Animais domesticos e selvagens, mais conhecidos das crianças, observando-se sua estrutura, seus hábitos, etc.

IV—Noções sobre um vegetal; suas partes. Diferença e semelhança dos vegetais.

V—Vegetais uteis e mais comuns à alimentação. Arvores frutíferas.

VI—Estados dos corpos. (Observações).

VII—Diferença entre os seres vivos e os inanimados.

VIII—Nomes dos metais. Os combustiveis.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA :

No desenvolvimento desta disciplina, o professor não deve limitar-se aos horarios, visto como terá de aproveitar todas as oportunidades, que se lhe oferecem, para doutrinar os princípios da moral e do civismo às crianças sob sua guarda e direção.

Assim, chega à porta da escola um mendigo, que solicita uma esmola. O professor serve-se da ocasião e fala sobre a caridade, o dever de socorremos, á medida dos nossos recursos, os desgraçados que nos pedem um auxilio, porque não podem trabalhar. Mais adiante, apparece um doente, sem abrigo, necessitado de um catre, no hospital. Temos de ajudal-o. Em fim, tantos outros exemplos.

Todas as lições de moral, para atingir á piedade infantil, precisam sensibilizar o coração das crianças, mais do que mover a sua consciencia ainda inapta para penetrar em certos motivos da solidariedade humana. O professor será sempre o exemplo vivo das virtudes que pregar, se não quizer cair na triste contradição de um ridiculo, pelo escarnecimento dos proprios alunos. Ensinará tambem os preceitos de civilidade, tais como a cortezia, o portar-se á meza, sentar-se, etc.

Nesta parte do curso, tratar-se-ão igualmente de :

a) fabulas, historietas que ponham em relêvo as ações honestas, o altruismo, a solidariedade, a piedade, etc.

b) contos em que se patenteiem a boa conduta, o perdão, etc.

c) palestra sobre os inconvenientes da vagabundagem, das inscrições obscenas nos muros e paredes, etc.

d) idem sobre a mentira, a calúnia, a falta de respeito, etc.

e) idem sobre os grandes vultos da nossa Pátria.

EDUCAÇÃO FÍSICA :

Desenvolvimento do programa do curso preliminar

1.º—Formação de fileiras, movimentos rítmicos, marchas cadenciadas, batendo os pés, mais fortemente, de três em três e de quatro em quatro passos, acompanhadas de cantos.

2.º—Marchas simples, com pequenos bastões, tambores à frente, imitando o movimento de um batalhão em marcha.

3.º—Formação de fileiras e divisão em pelotões.

4.º—Corridas de pequenas velocidade, que não excedam de quarenta metros.

5.º—Jogos diversos, compatíveis com a idade (a escolha do professor e da preferência das crianças).

6.º—Ginástica respiratória acompanhada de movimentos de braços, da cabeça e inflexões do corpo, conforme a voz do comando.

EDUCAÇÃO HIGIENICA :

1.º—Necessidade de trazer a casa, a escola, as ruas, os quintais bem asseados.

2.º—O arejamento das habitações e das salas em que se trabalha, em que se dorme ou permanece, principalmente se ha aglomeração de gente.

3.º—O ar e as poeiras. A agua, sua filtragem.

4.º—O sol, sua influencia na saúde. Perigos de apanhar muito sol. A luz artificial muito intensa, prejudicial á nossa vista.

5.º—Trabalho de dia e de noite. Necessidade de repousar. Horário para todas as nossas ocupações.

6.º—Os prejuizos da ociosidade no organismo. Os estragos causados pela inanição.

7.º—Perigos das molestias infecciosas transmitidas pelos insetos e pelos animais domesticos. Como evital-as.

8.º—Combate ás moscas, ás pulgas, aos mosquitos

(sobre tudo o carapanã), aos ratos, etc. Como exterminá-los.

9.º—A alimentação mais conveniente á saúde. Como devemos nos alimentar. Quais os alimentos mais indigestos. Falar da carne, do peixe e dos ovos.

10.º—As frutas de facil digestão. As que podem ser usadas cruas e as cozidas.

11.º—Os legumes, as batatas, as massas alimenticias.

12.º—Habitos de higiene alimentar.

TRABALHOS MANUAIS :

1.º—Exercicios manuais destinados a desenvolver a destreza das mãos.

2.º—Fazer, de papel-cartão, objetos usuais, como caixinhas, etc.

3.º—Recorte de figuras geometricas.

4.º—Alinhavos em cartão, á vista dos modelos apropriados e graduados (melhor execução que no curso preliminar).

5.º—Confecção de solidos geometricos (dos mais simples).

6.º—Exercicios de modelagem, na confecção de solidos geometricos, como cilindros, cubos, piramides, etc.

7.º—Dobraduras diversas.

8.º—Teceragem em palha e serpentina.

Acresce para o sexo feminino :

9.º—Pontos de agulha, com linha fina: posponto no claro, pontos fechados e abertos. Pontos de remate.

10.º—Preparação e modo de franzir; franzidos duplos.

11.º—Crochet. Tapeçaria em amiagem ou talagarça.

12.º—Ponto de haste, ponto de cadeia. Aplicação em peças simples do vestuario (preferível vestuario de bonecas).

PROGRAMAS E INDICAÇÕES

PARA O

CURSO ELEMENTAR

(3.º ANO)

CURSO ELEMENTAR — 3.º ano

LINGUAGEM (expressão oral) :

Desenvolvimento dos centros de interesse, para motivos de palestra, em que os alunos tomem parte, ora em monologos, ora em dialogos com o professor, visando :

a) enriquecer o vocabulário infantil com alguns termos novos, mas apropriados a esclarecer e positivar o sentido das expressões;

b) substituir palavras por seus sinônimos e mostrar sua equivalência;

c) alterar a construção de sentenças simples, sem alteração do seu sentido;

d) alterar o sentido pela construção gramatical;

e) idem com o emprego de antônimos;

f) formar sentenças com o emprego de parônimos;

g) corrigir expressões em que o professor, de propósito, faça mal o emprego de gênero e número, afim de comparal-a com as gramaticais;

h) emprego de formas verbais em que se substituam os tempos simples, para verificar os seus efeitos de sentido, etc.

(Tudo praticamente, sem invocações de regras gramaticais)

i) declamação de poesias, fabulas, etc. em que a dicção seja clara, sem impetos de voz, pausas descabidas.

LEITURA E ESCRITA :

Desenvolvimento do programa do 1.º ano, em livro adequado, de modo que os alunos possam ir alterando a leitura de prosa e verso, dando melhor inflexão á voz.

Finda a leitura de um capítulo ou parte d'elle, o professor explicará o sentido das palavras novas para os estudantes, bem assim os casos occorrentes de sentido figurado, as mudanças de redação, tudo praticamente.

Os exercicios de caligrafia devem ser alternados com os de copia, tendo o cuidado constante do aperfeiçoamento, limpeza e precisa agilidade.

Nesta parte do programa, os modelos quer proveham de traslados, quer sejam extraídos do livro de lei-

tura, envolverão os preceitos de ortografia, que o professor fará sempre observar, repetindo as escritas em que apareçam erros.

Podem ser iniciados os exercícios de ditados aos alunos mais adiantados.

GEOGRAFIA :

(Estudo essencialmente concreto)

1.º—A Terra; palestra mais desenvolvida sobre o seu movimento de rotação. O lugar do sol. Movimento de translação da Terra, exemplificando a lição com o próprio globo, em volta de um ponto figurativo em que se supõe o astro do dia.

2.º—Círculos da esfera terrestre; seu conhecimento prático. Observação no globo e no mapa.

3.º—Conhecimento dos acidentes naturais da superfície da Terra. Observações feitas na região escolar e no mapa de "Iniciação geográfica", contando que a criança distinga e mostre um lago, um rio, um monte, etc. As diferentes partes de que cada um se compõe, como, em se tratando de rios: a nascente, a foz, as margens, os afluentes; de montanhas: a base, as faldas, o cume, etc.

4.º—Horizonte. Traçado da rosa dos ventos. Ver e declarar os limites de uma determinada região, à vista do mapa. Ideia de clima.

5.º—Geografia do Estado do Amazonas: seus limites, principais acidentes geográficos que se notam no seu território. O grande rio Amazonas e seus maiores afluentes. Florestas; seus principais espécimens. Capital e cidades mais importantes indicadas no mapa.

6.º—Limites do Brasil.

7.º—Divisão do Brasil, Estados e suas capitais.

8.º—Climas do Brasil. Produtos mais importantes do reino vegetal. O café, a borracha, a castanha, o algodão, a cana de açúcar, o cacá, etc.

9.º—Produtos minerais: o ouro, a prata, o ferro, as pedras preciosas, etc.

10.º—Principais rios do Brasil indicados no mapa.

HISTORIA PATRIA :

I—O Brasil: origem de seu nome.

II—Ligeira explicação sobre o descobrimento do Brasil, mostrando, no mapa, a sua posição e a de Portugal, bem assim o roteiro seguido pelos navegadores.

III—Ligeiras noções sobre os indígenas.

IV—Os dois Imperadores. Alguns Presidentes de Republica, que precederam ao atual.

V—Historia da cidade de Manaus: seus primitivos habitantes.

VI—O nome do Municipio: data de sua criação. Quando se inauguraram os principais melhoramentos: agua, luz, bonde, telegrafo, telefone, correio, forum, etc. etc. (si a escola estiver na capital).

~~VII—Amazonas Província: datas de sua criação e de sua instalação.~~

~~III—O primeiro presidente do Amazonas: Traços biográficos.~~

IX—Episodios inspiradores de bons sentimentos sobre : Ajuricaba, Anhangüera, Caramuru, João Ramalho, Fernandes Vieira, Fernando Dias, o Jangadeiro cearense "fugindo ao cativeiro", Tiradentes, Padre Voador, Gre- *Cosias*

X—Datas nacionais e estaduais

DESENHO :

Desenho do natural: o assunto será de formas naturais e depois objetos manufaturados. Segue-se uma lista de assuntos como uma fruta: abacate, maçã, marmelo, pera, pecego, laranja, etc. Um inseto: bezouro, gafanhoto, etc. Um objeto: vaso de barro, copo, garrafa, bule, xícara, chaleira, etc. Uma flor: margarida, cravo, gira-sol, rosa singela, etc. Um brinquedo: carrinho, automovel, cavalinho, soldadinho, etc.

Desenho de memoria: o aluno fará um desenho visto e estudado anteriormente. Apresentar ao aluno um objeto de certo modo e escondel-o em seguida. Exercícios de ambidextria.

*Alcides de Castro.
Pedro Teixeira.*

GEOMETRIA :

No ensino da Geometria o professor basear-se-á em "cousas" concretas, habilitando o aluno a descobrir nos objetos da classe as formas estudadas.

Espaço, corpo, extensão, volume, superfície, linha, ponto. Noções sobre o ponto. Linhas, segundo suas direções. Posição das linhas, em relação uma com as outras.

Traçar linhas, empregando régua e compasso. Medir e traçar linhas sobre o papel e o terreno.

Explicação dos instrumentos usados.

ARITMETICA :

Revisão do programa do 2.º ano.

1.º—Leitura e escrita de números até centena de milhões. Usos dos algarismos romanos.

2.º—Maneira de escrever quantias. Problemas fáceis e práticos.

3.º—Exercícios de multiplicação, tendo o multiplicador dois ou mais algarismos. Provas. Confeccionar a tabela de Pytagoras.

4.º—Idem da divisão tendo o divisor dois ou mais algarismos. Provas.

5.º—Leitura e escrita de frações decimais.

6.º—Idem, idem, de frações ordinárias.

7.º—Adição e subtração de frações decimais.

8.º—Exercícios práticos sobre sistema métrico; Multítiplos e submúltiplos mais usados do metro, gramo e litro.

9.º—Problemas sobre as quatro operações de números inteiros.

10.º—Exercícios sobre cálculo mental.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS :

I—Corpo humano; suas principais partes. Estudo simples do esqueleto.

II—Animais úteis e os nocivos á agricultura.

III—Análise simples das partes do vegetal. (Observar o natural e depois em estampas), a raiz, o caule, a folha, a flor, o fruto, a semente.

IV—Frutos e sementes comestíveis.

V—O ar atmosférico.

VI—A água nos três estados.

VII—As nuvens. A chuva.

VIII—Corpos solúveis na água; açúcar, sal de cozinha (cloreto de sódio), etc.; e insolúveis, o enxofre, as gorduras, etc.

IX—Experiências simples a pedido da classe ou a escolha do professor.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA :

Contos, parábolas, etc., que tenham por objeto :

1.º—Exultações á pontualidade, á obrigação de estudar.

2.º—Palestras sobre a gratidão aos pais, aos mestres e demais pessoas que nos são úteis.

3.º—Tolerância, sobre tudo para com os fracos de espírito.

4.º—Resignação nas horas de sofrimento.

5.º—A verdade, a discreção, a delação.

6.º—A mentira, seus efeitos perniciosos.

7.º—Combate ao egoísmo, respeito á propriedade alheia.

8.º—Restituição de objetos achados.

9.º—Não perder de vista o lema: "Não faças a outrem aquilo que não queres que te façam".

10.º—Fazer o bem, sem olhar a quem.

11.º—Bondade para com os colegas, os irmãos e demais parentes; brandura para com toda gente.

12.º—Combate á preguiça, á presunção.

13.º—Dever de perseverança.

14.º—Amor á casa paterna, ao lugar em que nascemos, á Patria. Defesa e conservação da escola, etc.

15.º—Orgulho de ser brasileiro e porque.

EDUCAÇÃO FISICA :

Movimentos gradualmente mais energicos

1.º—Evoluções ginsticas com passo ordinario e acelerado. Marchas combinadas com movimentos das extremidades superiores.

2.º—Marchas em pelotões, para formarem fileiras, esquadros, círculos, etc. Contra marchas pelo lado e pelo centro.

3.º—Exercícios de ginásticas sueca.

4.º—Corridas a pequena distancia, com obstaculos.

5.º—Jogos ginsticos diversos. O brinquedo da cabra cega.

6.º—Exercícios respiratorios.

EDUCAÇÃO HIGIENICA :

Continuação das palestras sobre os motivos do ano anterior. Insistir sobre a hygiene alimentar.

1.º—Lavar as mãos, sempre que entrar da rua ou que houver penetrado nas sentinas, bem assim quando tiver cumprimentado, apertando a mão de pessoa suspeita de molestia contagiosa.

2.º—Jamais escarrar no chão.

3.º—Afastar-se dos logares em que haja máo cheiro, depositos de lixo, pantanos, etc.

4.º—Dividir o tempo entre o trabalho, os folguedos e o repouso. Os excessos das danças e dos jogos. Prejuizo de passar as noites em claro, trabalhando ou divertindo-se. As reparações trazidas pelo somo a um organismo cansado.

5.º—Necessidade de levantar-se ao amanhecer e deitar-se igualmente cedo.

6.º—Por que temos necessidade de um ou mais banhos por dia, banhos rapidos mas completos.

7.º—Como devemos tratar os nossos dentes, como escoval-os. Tratamento dos nossos ouvidos, nariz, cabello, etc.

8.º—Defeza contra o calor e o frio. Roupas que são convenientes ao nosso clima. Prejuizo dos coletes ou cintas apertadas.

9.º—Conselhos para evitar os resfriamentos.

10.º—Perigos de andar descalços nos logares contaminados. Calçados higienicos.

TRABALHOS MANUAIS :

1.º—Exercícios destinados a desenvolver a destreza da mão.

2.º—Alinhavos em cartão, executando animais, flores, casas.

3.º—Teceragem em varias côres.

4.º—Cartonagem, executando poliedros e objetos de uso.

5.º—Modelagem de solidos geometricos isolados e em grupos.

6.º—Aplicação de fitas de madeira, na confecção de esteirinhas, flores, etc. Laços de fitas.

7.º—Trabalhos simples de cipó, vime, palha, etc. na confecção de cestos.

8.º—Trabalhos em cordas de papel ou barbante. Feitura de laços e nós.

Acresce para o sexo feminino :

9.º—Crochet, em linha ou lã. Trabalhos simples.

10.º—Marca em talagarça (Execução mais variada que no 1.º ano).

11.º—Pontos, serzideira, pregas e bainhas.

12.º—Remendos diversos. Cascar; pregar botões, fitas e colchetes.

PROGRAMAS E INDICAÇÕES

PARA O

CURSO DEFINITIVO

(1.º ANO)

CURSO DEFINITIVO — 1.º ano

(LINGUAGEM (expressão oral) :

Descrição dos lugares da casa, da escola, da rua, praça, estrada ou rio que o estudante percorre; idem de passeios, festas, solenidades, "films"; narrativa de histórias, fabulas, estudos, exames, etc., tendo por fim :

- a) corrigir a concatenação do pensamento;
- b) empregar palavras que sejam mais apropriadas á clareza e ao sentido da ideia;
- c) obedecer á subordinação gramatical, pratica;
- d) oferecer oportunidade de sentenças declamativas, interrogativas, negativas, exortativas, etc.;
- e) as primeiras aplicações praticas de regras de gramatica, no intuito de disciplinar as formas da expressão oral, de que o professor se ocupe no momento;
- f) intercalação de circunstancias accidentais, que não perturbem a forma da expressão, mas positivem o seu conceito;
- g) extirpar os "tics" da linguagem e dar á elocução sua maior naturalidade.

Comentarios dos assuntos das lições de leitura, historia, geografia, educação moral e civica, etc.

Declamação de pequenos discursos, poesias, fabulas, trechos de boa prosa, etc.

LEITURA E ESCRITA :

Leitura corrente e expressiva, em que fiquem patentes as inflexões impostas pelos acentos fraseologicos e pontuação. Interpretação dos trechos que parecerem mais dificeis. Leitura declamada de poesias, como nos exercicios de linguagem.

Desenvolvimento dos exercicios de caligrafia e ortografia, mediante diarias copias e ditados. Para efetuar as escritas ditadas, que serão de dez a quinze linhas, no maximo, o professor lerá primeiro, em voz alta, o trecho do tema, para que os alunos apreendam previamente o sentido ou o assunto de que trata. Só, então, procederá o ditado, pronunciando bem cada palavra, sem declarar nominalmente os sinais da pontuação, afim de que vão, por si, se habituando ao seu emprego.

Devem ser iniciados os exercícios de redação muito simples, como bilhetes, cartas e pequenas descrições de fatos conhecidos ou objetos à vista. As correções serão feitas minuciosamente a tinta encarnada (si possível e oralmente, para que, nesta parte do curso, comecem a ser percebidos e usados pelos estudantes os princípios gramaticais (práticos), que regem a estrutura da lingua.

GRAMATICA (lingua nacional) :

(Ensino exclusivamente pratico, sem compendio)

1.º—Alfabeto; letras vogais e consoantes. Grupos vocais e consoantes. Ditongos orais e nazais.

2.º—Silabas; classificação das palavras pelo numero de silabas.

3.º—Acentos; seu emprego. Classificação das palavras conforme os acentos. Ideia de numero.

4.º—Conhecimento dos substantivos; assinalar, no trecho da lição de leitura, os que se encontrarem expressos.

5.º—Distinguir os substantivos pela sua classificação mais elementar. Ideia de genero.

6.º—Conhecimento dos adjetivos; assignalar os que encontrarem no trecho da lição de leitura.

7.º—Diferençar os adjetivos qualificativos, dos determinativos.

8.º—Exercícios de empregos de substantivos e adjetivos, em sentença do vocabulario infantil.

9.º—Conhecimento e uso dos pronomes pessoais, em que se empreguem varios exemplos, com as formas eu, tu e ele.

10.º—Conhecimento intuitivo do verbo. Formas infinitivas.

11.º—Palavras variaveis pelos generos e pelos numeros; designal-as na escrita ou no livro de leitura.

12.º—Exercícios sobre sinonimos, antonimos, homonymos e paronymos.

13.º—Idem sobre figuras de dição.

14.º—Ensaio sobre conjugação de verbos regulares.

15.º—Exercícios de analyse lexica.

GEOGRAFIA :

Revisão do programa do ano anterior

1.º—Zonas da Terra. Explicar a diferença de temperatura em cada uma. Situação dos tropicos e dos circuitos polares. Climas.

2.º—Estações; ligeira ideia das mudanças das estações, exemplificando com o movimento de translação do globo em relação ao sol.

3.º—Denominação dadas ás terras e ás aguas á vista de um mapa apropriado. (Iniciação geografica).

4.º—Geografia do Estado do Amazonas. Dar uma ideia da extensão da planicie em que se acha. Falar de sua população, riquezas, navegação, commercio, industrias extrativas, meios de transporte, etc.

5.º—Viagens simuladas para diversos pontos do Amazonas. Designar a situação geografica de cada Municipio, si ao Norte, Leste, Sul, Oeste, centro; quais os afluentes do grande rio que os interessa, etc.

6.º—Limites do Brasil, indicando as linhas divisorias mais importantes, nas fronteiras do Estado do Amazonas. Esboço cartografico do Brasil, somente para mostrar os seus contornos e a região occupada pelo rio Amazonas. Cópia feita do mapa e, depois, de memoria.

7.º—Produções principais do Brasil, em cada um dos reinos da natureza. Superficie do paiz.

8.º—Rios e lagos principais do Brasil. Montanhas.

9.º—População do Brasil.

10.º—Os continentes; sua distribuição.

11.º—Os oceanos; sua distribuição.

12.º—Limites da America; sua divisão natural.

13.º—Paizes da America e suas capitais.

14.º—Viagem figurada pelas costas da America.

15.º—Viagem figurada pelos diversos Estados do Brasil.

16.º—Esboço cartografico da America do Norte e da America do Sul, indicando apenas os contornos das costas e oceanos que as banham.

HISTORIA PATRIA :

- I—~~A America: sua descoberta. Colombo.~~ *Brasil colonial*
 II—~~Divisão da historia do Brasil. Brasil colonial~~
 (1500-1822); ~~Brasil independente (1822-1930)~~ *Idéas ge-*
 rais.
 III—A origem de Pedro Alvares Cabral: o descobri-
 mento do Brasil.—Pedro Vaz Caminha:—fatos que se li-
 gam á sua personalidade.
 IV—Colonização: capitánias hereditárias.
 V—Governo geral: Thomé de Souza; fundação da
 cidade do Salvador. A catechese.
 VI—Governo geral de Duarte da Costa: episodios de
 seu governo.
 VII—Governo geral de Mem de Sá. Expulsão dos
 francezes do Rio de Janeiro. Fundação da cidade do Rio
 de Janeiro.
 VIII—~~Expansão colonial para oeste e para o sul: os~~
Bandeirantes. A conjura da Augusta
 IX—Conjuração mineira. Os conjurados. Tiradentes.
 X—Transferencia da Córte de Lisboa para o Rio de
 Janeiro. Abertura dos portos do Brasil ás nações estran-
 geiras.
 XI—~~Revolução de 1817.~~

DESENHO :

Desenho natural: grupos de objetos. Objetos fami-
 liares, como mesa de jantar arrumada. A casa da escola,
 a mesa do aluno. Solidos geometricos. Ramos com flo-
 res ou frutos. Uma cesta com flores. Desenho colorido
 da bandeira brasileira e de algumas bandeiras estrangei-
 ras. Imitação de gregas. Desenho decorativo, como no
 segundo ano. Exercícios de frisos ou faixas com dispo-
 sição alternados, opostos e motivos de angulos. Exerci-
 cios de adextramento. Estudo das côres fundamentais, as
 intermediárias.

GEOMETRIA :

Revisão do programa do ano anterior

Prumo e nível, sua aplicação. Angulos. Classifica-
 ção dos angulos. Traçado da bissetriz de um angulo,

empregando-se regua e compasso. Medição de angulos.
 Triangulos: sua construção. Noção de base e altura de
 um triangulo. Problemas sobre angulos e triangulos.

ARIMETICA :

(Revisão do programa do ano anterior)

- 1.º—Leitura e escrita de numeros de mais de tres
 classes. Noções sobre classificação dos numeros: inteiro,
 fracionario, mixto, par, impar abstrato, concreto, sim-
 ples, composto.
- 2.º—Conversão de frações ordinárias em decimais e
 vice-versa. Conversões de decimais á mesma denomina-
 ção.
- 3.º—Adição de frações decimais (desenvolvimento do
 3.º ano).
- 4.º—Subtração de frações decimais (desenvolvimen-
 to do 3.º ano).
- 5.º—Multiplicação de frações decimais. O jogo da
 virgula decimal.
- 6.º—Divisão de frações decimais. O jogo da virgula
 decimal nessa operação. Divisores completos e incom-
 pletos.
- 7.º—Problemas sobre as quatro operações decimais.
- 8.º—Iniciação ás propriedades dos numeros: Multi-
 plos, numeros primos, fatores, parte aliquota. Caracteres
 de divisibilidade.
- 9.º—Maximo comum divisor. Minimo multiplo co-
 mum.
- 10.º—Sistema metrico; uso de todas as medidas.
 Problema sobre o metro, litro e gramo e suas conversões.
- 11.º—Frações ordinárias; propriedades fundamentais.
- 12.º—Simplificação de frações, reduções ao mesmo
 denominador, conversões de numeros inteiros em frações
 improprias, idem de numeros mixtos.
- 13.º—Problemas escritos e exercicios de calculo men-
 tal.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS :

- I—O homem; o esqueleto.
- II—Orgãos locomotores ativos (musculos e nervos)
 e passivos (ossos).

III—Órgãos da digestão.

IV—Os animais; noções sobre os dois grandes ramos.

V—Animais vertebrados (observar um mamífero, uma ave, um peixe, um batráquio, um réptil) e invertebrados (Observar um molusco tunicado, um verme, etc.)

VI—Estudo comparativo dos órgãos locomotores dos animais.

VII—Análise de um vegetal; órgãos da digestão, da circulação, da respiração; funções correspondentes.

VIII—A flôr; suas partes.

IX—Os cereais; os legumes.

X—Queda dos corpos, peso, fio de prumo.

XI—Noções simples sobre os metais. Aplicações do ferro, do chumbo, do cobre, do carvão de pedra e de outros minerais.

XII—A utilidade do ouro e da prata. Águas minerais.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA :

Desenvolver, por meio de contos e exemplos, os motivos do ano anterior, e mais :

1.º—A modestia, o natural retraimento.

2.º—A justiça, a equidade.

3.º—A prudência. Não proferir palavras ou gestos que ofendam ou molestem alguém.

4.º—A coragem para dizer a verdade, para suportar com resignação as calúnias, sem deixar de se defender, pela razão e pelas provas.

5.º—A fraternidade humana. Condenação ao jacobinismo e ao bairrismo mal entendido.

6.º—A hospitalidade. Apreço aos estrangeiros que cooperam conosco no progresso do Paiz.

7.º—Notícia sobre as sociedades beneficentes e de instrução.

8.º—Necessidade de Governo e de administração.

9.º—Divisão administrativa do Brasil.

10.º—Os tres poderes politicos do Brasil.

11.º—Descrição da nossa Bandeira; sua significação e de cada uma de suas partes.

12.º—Os nossos Hinos, o que significam. Sabel-os de cor e cantal-os.

13.º—As grandes datas nacionais; sua significação civica.

14.º—Biografias de alguns brasileiros illustres nas guerras, nas artes, nas letras, nas ciencias, nas industrias, etc., com o intuito de exaltar o sentimento de civismo dos estudantes.

EDUCAÇÃO FISICA :

1.º—Marchas, contramarchas. Formação de fileiras, cadeias. Movimentos em espiral.

2.º—Marchas mais prolongadas acompanhadas de canticos, que provoquem a cadencia dos movimentos.

3.º—Marchas entre obstaculos, que motivem os constantes desvios da direção, como por exemplo, dentro da escola, entre as carteiras e sem local-as.

4.º—Ginastica sueca.

5.º—Jogos escolares, em que se provoquem a agilidade, a graça dos movimentos e a sagacidade.

6.º—Corridas e pulos.

7.º—Exercícios respiratorios mais desenvolvidos.

EDUCAÇÃO HIGIENICA :

1.º—Necessidade da ginastica desde a mais tenra idade, para garantir o perfeito funcionamento do nosso organismo e dar-lhe resistencia contra as molestias, que possam atacal-o.

2.º—Necessidade de regularizar todos os nossos atos fisiologicos, ás horas certas, o que sempre é possível conseguir por um esforço da vontade, até que se convertam em habitos.

3.º—Idem de abrir as habitações em que vivemos, para que o sol e o ar entrem abundantemente.

4.º—Como se deve respirar. Não se respire pela boca.

5.º—A limpeza absoluta do nosso dormitorio.

6.º—A defesa da saúde, quando, nas visinhanças da nossa casa, existem focos de larvas (carapanãs). Como se deve extinguil-os. Os mosquiteiros; as janelas e portas teladas.

7.º—Conselhos sobre a maneira de beber agua. Combate ás bebidas alcoolicas.

8.º—Combate ao fumo. As devastações que os entorpecentes fazem no organismo.

TRABALHOS MANUAIS:

1.º—Cantonagem; fabricação de caixinhas guarnecidas de papel recortado em côres. Porta-cartões, porta-jornais, casinhas, figuras articuladas de polichinelos, animais, etc.

2.º—Trabalhos em cipó; fabricação de cestos, cadeirinhas, etc.

3.º—Modelagem; confecção de objetos que apresentem poucos relêvos, como chapéus, vasos, tudo em miniaturas.

4.º—Trabalhos em arame, em barbante, etc.

5.º—Recorte em laminas de chumbo, em folhas de Flandres, em papelão, etc.

6.º—Trabalhos em madeira. "Slojd". "Decoupage". Acresce para o sexo feminino:

7.º—Costuras, bordados e rendas de fácil confecção.

8.º—Sergiduras e remendos.

PROGRAMAS E INDICAÇÕES

PARA O

CURSO DEFINITIVO

(2.º ANO)

CURSO DEFINITIVO — 2.º ano

LINGUAGEM (expressão oral) :

Narração de historias, fabulas, acontecimentos, lidos em aula ou relatados pelo professor; lições de qualquer ponto dos programas já estudados; descrição de passeios realizados pelos estudantes, observações sobre gravuras, etc., etc., objetivando a melhor forma de dizer e evitando, conseqüentemente :

a) qualquer erro de concordancia, subordinação ou ordem, evocando-se, para cada caso, a regra ou preceito gramatical respectivo;

b) a repetição desnecessaria de vocabulos, os que, na mesma sentença, tenham identica terminação, o abuso de objetivos inuteis, a sucessão de clausulas substantivas ou adjetivas, principalmente, tornando o periodo muito longo, pesado e obscuro;

c) a ambigüidade, pela má construção ou emprego de palavras improprias;

d) as cacofonias, etc.

O professor ensinará aos seus alunos, para cujo fim formulará varios casos, o emprego de tratamento, tais como V. Exc., V. S.^a, vós, Snr., você, etc.

Nesta parte do programa, o ensino da linguagem far-se-á concomitante com o da gramatica portugüesa e desenvolver-se-ão os exercicios de elocução, declamação de poesias, trechos de boa prosa, composição do proprio aluno, etc.

LEITURA E ESCRITA :

Exercicios de leitura corrente, clara e expressiva, tres vezes por semana. Interpretação, sobre tudo, de poesias.

Quanto á escrita, constantes exercicios de ditado e redação, em os quais a caligrafia seja levada em linha de conta.

GRAMATICA (lingua nacional)

Recapitulação do progama do ano anterior, com o necessario desenvolvimento. Evocação das teorias, quando se tratarem de regras fundamentais.

Lições auxiliadas pelo compendio. Abundancia de exemplos, que positivem os principios gramaticais.

- 1.º—Schema da divisão gramatical no quadro negro; sua cópia, nos cadernos, por todos os alunos.
- 2.º—Categorias gramaticais; sua classificação nos dois grupos: variáveis e invariáveis.
- 3.º—Regras de número e de gênero. Prosodia.
- 4.º—Estudo dos substantivos. Flexões, divisão schematica, abundantes exemplos de cada caso e análise léxica.
- 5.º—Idem dos adjetivos.
- 6.º—Idem dos pronomes.
- 7.º—Idem dos verbos.
- 8.º—Formação dos graus. Ortografia.
- 9.º—Figuras de dição, com seus casos particulares.
- 10.º—Estudo dos advérbios.
- 11.º—Idem das proposições, divisão schematica, abundantes exemplos e análise léxica.
- 12.º—Idem das conjunções.
- 13.º—Idem das interjeições.
- 14.º—Estudo sumário dos afixos.
- 15.º—Noções de syntaxe.
- 16.º—Estudo das proposições; sua classificação.
- 17.º—Elementos principais e secundários das proposições.
- 18.º—Regras de concordância.
- 19.º—Principais figuras de syntaxe.
- 20.º—Análise lógica de proposições simples e compostas, formada em diagrama, para positivar os seus elementos.

GEOGRAFIA :

(Desenvolvimento do programa do ano anterior)

- 1.º—Estudo mais minucioso do Estado do Amazonas, sempre com o mapa á vista. Viagens simuladas. Esboço cartografico do Estado, indicando suas fronteiras, rios, lagos, serras, cidades e vilas, mais importantes. Raças humanas. Formas de governo.
- 2.º—Estudo da Geografia do Brasil, abrangendo seu governo, divisão administrativa, população, indústrias, comércio, principais produtos de importação e exportação, portos, etc.
- 3.º—Principais acidentes geograficos da America: rios, lagos, montanhas, vulcões, planícies, etc.

- 4.º—Limites da Europa. Paizes, suas capitais e cidades mais importantes, portos, etc. Relêvos, rios, lagos, climas, produtos, etc.
- 5.º—Idem, idem da Asia.
- 6.º—Idem, idem da Africa.
- 7.º—Idem, idem, da Oceania.
- 8.º—Exercícios de cartografia de cada uma das partes do mundo.
- 9.º—Viagens simuladas para diversas partes do mundo.
- 10.º—Palestras sobre a civilização dos diversos povos.

HISTORIA PATRIA :

- I—Noticia sobre a guerra holandeza.
 - II—A volta de D. João VI para Portugal. Regencia do principe D. Pedro.
 - III—Movimento sobre a Independencia e dia do Fico. Proclamação da Independencia—Joaquim Gonçalves Lêdo, José Clemente, Frei Sampaio, Conego Januario Barbosa, José Bonifacio, etc.
 - IV—Revolução de 1817 em Pernambuco.
 - V—Noite das garrafadas. Abdicação do Imperio Brasileiro, por D. Pedro II, em seu filho D. Pedro II. Regencias—1831 a 1841. Tutoria de José Bonifacio, Diogo Antonio Feijó.
 - VI—Revolução do Rio Grande do Sul. Pedro Araujo Lima.
 - VII—Maioridade—Pedro II. Coroação.
 - VIII—Revolução em S. Paulo e Minas.
 - IX—Guerra contra a Argentina.
 - X—Guerra do Paraguai.
 - XI—Trafico africano. A escravatura. Extinção da escravatura. Princeza Izabel, José do Patrocínio, Visconde do Rio Branco, Nabuco e outros vultos do movimento da abolição.
 - XII—Republica; sua proclamação. Governo provisório. Benjamin Constant, Silva Jardim, etc., etc.
 - XIII—Historia do Amazonas: descobrimento, estabelecimentos, revoluções; a abolição. Republica.
- Apresentar o ensino de modo assimilavel, banindo a decoracão de pontos. Evitar os pormenores desnecessarios, incolores, falhos de significacão, o rigor das datas e

localização. Impressionar fortemente a criança, lançando, para isso, mãos de mapas, objetos, retratos, gravuras, etc.

DESENHO :

Desenho natural: grupos de formas naturais; de objetos manufaturados; silhuetas. Fruteiras com abacates, cachos de uvas com parras; cestinha com flores; maleta de viagem; garrafa; faca; jarra d'agua; prato com fatias de melancia, bandeija com copos, vidros, calix, colher, bananas, panellas; vaso com frutas ao lado, etc. Grupo de solidos. Tronco de couve. Perspectiva de um cubo, de uma cadeira, de um livro, de uma mesa, de uma caixa. Regador e instrumentos agricolas. Silhueta de um colega, de um animal, etc. Desenho livre executado em casa para cultivar a imaginação e o gosto artistico. Exercício de adextratamento. Exercício de cartografia. Explicação de escala: sua aplicação.

Estudo e diferença das côres.

GEOMETRIA :

(Revisão do programa do ano anterior)

Quadrilateros; quadrado, losango, retangulo, paralelogramo e trapezio. Construção grafica dos quadrilateros. Areas dos triangulos e dos quadrilateros. Circulo. Circumferencia, raio, diametro, corda, secante e tangente. Construção grafica. Noções de poligono regular, hipotenusa e perimetro. Noção de paralelepipedo, sua base e altura. Estudo da piramide, de cilindro, do cone, da esfera, comparados entre si e com os solidos.

Problemas.

ARITMETICA :

(Revisão do programa do ano anterior)

1.º—Exercícios praticos e combinados das quatro operações sobre numeros inteiros e decimais.

2.º—Frações periodicas simples e compostas. Transformações.

3.º—Maximo Comum Divisor e Minimo Multiplo Comum, pela decomposição de seus fatores primos.

4.º—As quatro operações sobre frações ordinarias. Problemas.

5.º—Sistema metrico mais desenvolvido que o 1.º definitivo. Relação e conversão das diferentes unidades metricas. Problemas.

6.º—Rasões e proporções. Divisão em partes diretamente proporcionais.

7.º—Regra de tres simples. Solução racionada.

8.º—Porcentagem.

9.º—Regra de juros simples. Solução racionada, aplicação de formulas.

10.º—Potenciação de numeros inteiros e decimais.

11.º—Quadrado; extração de raiz quadrada, de numeros inteiros e decimais.

CIENCIAS FISICAS E NATURAIS :

I—O homem; o corpo humano.

II—Orgãos da digestão. Conselhos higienicos sobre a alimentação.

III—Orgão da circulação.

IV—Orgãos da respiração; da transpiração e das secreções e funções correspondentes.

V—Estudo sumario da pele (observações com esquemas e com estampas, em que o professor explicará sua aderencia com os musculos, sua elasticidade); a função da pele: absorção, respiração, tato, suor.

VI—Raças humanas; sua classificação.

VII—Reino animal; ramo, classe, ordem, familia.

VIII—Produtos animais: couro, ossos, chifres, sedas, etc.

IX—Vegetais. Noções sobre as grandes divisões do vegetal. A fauna brasileira.

X—Cultivo dos vegetais: a germinação; causas que a favorecem e a prejudicam.

XI—Estudo muito simples sobre o plantio e cultura da seringueira, do cacáo, do guaraná, da castanha, do café, do milho, da cana de assucar, do algodão, da batata, dos cereais, etc.

XII—Explicar a influencia da luz, do calor, da humanidade, etc. sobre os vegetais.

XIII—As madeiras de lei (especialmente do Amazonas) e sua aplicação industrial.

XIV—Experiencias e fenomenos relativos á gravidade e ao som. Calor : fontes e efeitos. Termometros.

XV—Luz. Fortes de luz e propagação.

XVI—Ideas gerais sobre corpos simples e compostos. Agua; sua composição: Agua potavel e impotavel. Meios de purificação da agua; filtração e distilação.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA :

1.º—A liberdade. O imperio da Lei para garantir e limitar as ações humanas.

2.º—O que se entende por licenciosidade. Combate a tudo que ofende aos bons costumes.

3.º—A necessidade de firmar e desenvolver os bons habitos. Condenação aos vicios. Mostrar os inconvenientes do alcoolismo, do fumo, do jogo, etc.

4.º—As vantagens do trabalho e da ordem. Fazer notar que o progresso humano não se deve aos ociosos, nem aos desordenados.

5.º—As profissões. Porque cada pessoa deve ter a sua profissão e precisa aperfeiçoar-se nos seus misteres.

6.º—A independencia individual, ao lado da subordinação á autoridade constituída, ao amor paterno, á gratidão.

7.º—A avareza, porque deve ser condenada.

8.º—A filantropia; deveres do homem virtuoso em relação aos infelizes.

9.º—A economia bem entendida. O conforto.

10.º—A solidariedade, na familia e na escola.

11.º—Que devemos entender por Patria Brasileira.

12.º—A forma de Governo do Brasil. Sentimentos democraticos do nosso povo. A Constituição Federal.

13.º—O Poder Executivo, do Pais e dos Estados, como se constitue. Os ministerios.

14.º—O Poder Legislativo, do Pais e dos Estados, como se constitue. Representação.

15.º—O Poder Judiciario, do Pais e dos Estados, como se constitue.

16.º—Ideia de Municipio e de Estado.

17.º—Culto á Bandeira.

18.º—Deveres patrióticos dos brasileiros, durante a paz e durante a guerra.

EDUCAÇÃO FISICA :

Desenvolvimento do programa do ano anterior. Como nos anos anteriores, fiscalização rigorosa do professor, afim de não consentir que os alunos pratiquem excessos, sempre inadequados á finalidade da educação fisica. E' conveniente, entretanto, que os exercicios, nesta parte do curso, sejam executados com a precisa energia, sem perderem a graça que os deve acompanhar. As alunas não tomarão parte nos exercicios que forem incompativeis com o seu sexo.

1.º—Marchas lentas e aceleradas.

2.º—Exercicios coletivos com bastões.

3.º—Corridas simples e com obstaculos. Saltos.

4.º—Luta de tração de cordas, por dois grupos de alunos. Ginastica sueca; applicação dos seus vinte e cinco movimentos; flexão, extensão e rotação da cabeça, tronco e membros.

5.º—Exercicios imitativos de quem nada, rema, racha lenha, corre atraz de uma caça, pesca, etc.

6.º—Jogos ginasticos (aconselhados pelo professor e cuído o medico escolar).

7.º—Ginastica respiratoria.

EDUCAÇÃO HIGIENICA :

1.º—Habitos de sobriedade, em que se reprovem principalmente, os excessos de mesa, pois, os glutões atentam contra a hygiene e os bons costumes.

2.º—Insistir no papel que o ar tem na saúde; como purifica-lo. O plantio das arvores, nesse intuito. A serventia do oxigenio e do azoto.

3.º—Precauções contra a morfêa, a tuberculose, a verminose, o impaludismo, etc.

4.º—Idem sobre os alimentos deteriorados ou falsificados.

5.º—Combate á pagelança, ás mesinhas confeccionadas pelos curandeiros.

6.º—O dever de chamarmos um medico, quando nos sentimos doentes.

A educação higienica, que póde ser dada na escola, nos intervalos dos recreios, nas passagens das lições, em forma de conselhos, sempre que appareça oportunidade,

por isso mesmo que não consta dos respectivos horários, não se limita a estes pequenos programas. Deve ir mais longe, com a intuição individual pelo amor à sua saúde e pela melhora coletiva do Brasil. E' isto, também, que o mestre precisa levar à convicção do estudante.

TRABALHOS MANUAIS :

Desenvolvimento do programa do ano anterior

1.º—Cantonagem; planificação, corte e colagem de poliedros e diversos objetos, como "cache-pot", caixa com divisões, ornamentadas com papel recortado com figuras, arabescos, etc.

2.º—Aplicação do arame, em gaiolas e cestas.

3.º—Modelagem de objetos, frutas, bustos, etc., de facil representação.

4.º—Slojd: trabalhos variados em madeira, como escadas de abrir, porta-vaso, banquinhas etc. "Decoupage".

5.º—Jardinagem.

Acresce para o sexo feminino :

6.º—Recorte de papel para ornamentação.

7.º—Costuras. Confeção de roupas brancas.

8.º—Bordados; tricot e filet.

9.º—Trabalhos em rafia.

II Ajuicaba.

- III Sentenças e missões.
- VI A capitania do Rio Negro.
- V Formação territorial.
- IV A bandeira de Pedro Teixeira.
- T O descobrimento.
- III Cabanagem.
- II Criação do alto Amazonas.
- IX Província do Amazonas.
- XV Evolução econômica.
- XI Libertação dos escravos.
- XII Proclamação da República.
- X Guerra do Paragay.
- XIV A Confederação do Equador.
- XVI A colonização americana.
- XVII Constituição do Acre.
- XIII Governo Republicano.
- XVIII Cidade de Manaus.
- XIX Exhoço ethnographico.
- XXI Aspecto physographico.
- XXII Amazonense illustre.
- XV Exploração científica.